

ANTOLOGIA

OLHARES AMAZÔNICOS



ORGANIZADORES

DANIELE FIRMINO
FRANCISCA LUSIA
JOÃO UILSON
RONILSON LOPES

Participação especial de

RICARDO DANTAS
o autor de

MEIA PATA



2020

ANTOLOGIA

OLHARES AMAZÔNICOS



ORGANIZADORES

DANIELE FIRMINO
FRANCISCA LUSIA
JOÃO UILSON
RONILSON LOPES



2020

Participação especial de

RICARDO DANTAS
o autor de

MEIA PATA

2020 by Editora e-Publicar

Copyright © Editora e-Publicar
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020
Editora e-Publicar

Editora Chefe

Patrícia Gonçalves de Freitas

Editor

Roger Goulart Mello

Diagramação

Roger Goulart Mello

Arte da Capa

Joelson de Jesus Araújo

Foto

Ronilson de Sousa Lopes

Imagem da capa

Vanessa Araújo Galvão

Revisão

Izabel de Brito Silva e Maycon Moura

Todo o conteúdo deste livro, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos aos autores.

A Editora e-Publicar não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A634 Antologia [recurso eletrônico] : olhares amazônicos / Daniele Firmino... [et al.]. – Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-87207-48-3

1. Contos brasileiros. 2. Poesia brasileira. 3. Amazônia – Literatura. I. Firmino, Daniele, 1990-. II. Lusía, Francisca, 1968-. III. Uilson, João, 1986-. IV. Lopes, Ronilson, 1980-.

CDD B869.3

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Editora e-Publicar

Rio de Janeiro – RJ – Brasil
contato@editorapublicar.com.br
www.editorapublicar.com.br



2020

APRESENTAÇÃO

Falar sobre os contos da *Antologia Olhares amazônicos* não é uma tarefa simples, pois as histórias deste livro são, também, as histórias de homens e mulheres que conhecem, de certa forma, a história, as memórias, os saberes e os modos de vida dos povos que constituem as comunidades amazônicas. Em cada conto, é possível identificar uma face do mundo amazônico, com sua vastidão de mistérios e memórias. Os autores narram histórias pessoais, mas também registram as memórias e histórias de homens que desbravaram a natureza desse grandioso espaço, que é constituído por mitologias e simbologias singulares.

Na obra, o Ethos amazônico, tão bem descrito por João de Jesus Paes Loureiro, estudioso da cultura amazônica, é representado de forma magistral na maioria dos contos. Contudo, o eixo central da obra é a diversidade amazônica: sua terra e suas gentes, homens e mulheres, que de maneira anônima, vivem e convivem ora no inferno verde ora no paraíso perdido, tão bem retratado nas obras de Euclides da Cunha.

A composição do imaginário amazônico é tecida por contos que falam de seringais e seringueiros, de remanescentes de quilombos, de migrantes nordestinos e da população autóctone, destacando, de forma implícita e imponente, a importância desses povos para a constituição das identidades culturais da população amazônica. Na maioria das narrativas, são abordados, de forma sensível, a natureza dessacralizada, a transfiguração da paisagem, os rios e igarapés e a majestosa floresta amazônica com seus mitos e lendas.

Também é possível identificar nos contos, um afloramento de uma parte da história, que se intercala com a ficção, configurando a inter-relação entre a literatura e história. Sobre estes aspectos, é importante enfatizar que tanto a história quanto a literatura constroem representações próprias acerca da realidade. Desse modo, a partir dos aspectos geográficos, históricos, políticos, sociais, culturais, identitários, dentre outros, é possível depreender das narrativas literárias a multiplicidade de discursos que se configuraram/configuram na Amazônia.

As práticas sociais, os saberes e os modos de vida também são retratados: a pesca, o corte da seringa, o trabalho na construção da lendária Estrada de Ferro


Madeira Mamoré (E.F.M.M), a extração da madeira e outros. Dessa forma, pode-se afirmar que as narrativas da antologia estão vinculadas às vivências e aos saberes dos povos que participaram do processo de formação/ocupação da Amazônia que, historicamente, foi construída a partir dos ciclos migratórios.

Os processos de narração acontecem de um modo bem particular, há nos discursos ora em ordem direta, ora em ordem indireta a aparição de cenas que levam o leitor a imergir-se nos lugares comuns que só quem, de fato, vive nos espaços amazônicos consegue compreender a amplitude desses sentidos como, por exemplo em *“A água do igarapé sempre era fria, mas agradável. Entrou e mergulhou a cabeça.”*

“O garoto adorava aquele ritual matutino” ou *“Ele levantou cedo e viu que a mãe já estava no jirau batendo roupa”*. O igarapé, as águas frias, os rituais matutinos, a roupa que a mãe bate no Jirau são elementos linguísticos culturais que demarcam essa escrita que se estabelece no entremeio da realidade e da imaginação do narrador e/ou do escritor.

Os marcos históricos também se apresentam na obra em questão para além de fontes históricas como uma contação de história, como podemos ler em: *“O que o leitor talvez não saiba é a infinidade de boas histórias originárias a partir desse êxodo para a ocupação da região e a improvável composição familiar advinda com a exploração das seringueiras em toda a região do rio Purus, assim, o diálogo se estabelece em um processo do encontro da história e da memória na literatura e se entrelaça entre o real e ficcional.”*

A floresta amazônica apresentada nas narrativas se confunde com a floresta humana, a qual é representada, principalmente, por indígenas, por negros descendentes de escravos, por migrantes nordestinos e pelos ribeirinhos. Esse processo de hibridização cultural, pode ser observado no conto *Uma família tipicamente amazônica: a minha*. “A mãe contava que o pai dela (nordestino do Crato) ouvia do pai dele (vindo nos navios negreiros da África que desatracaram no nordeste brasileiro) que era no Purus, na Lábrea, perto do Acre mais precisamente, que muitos nordestinos vinham para ganhar dinheiro com a borracha.” Outro aspecto marcante nesta narrativa é a saga dos migrantes nordestinos que vieram para a Amazônia para trabalhar como seringueiros. Nesse sentido, a servidão a que estes



homens foram submetidos nos seringais, as disputas e os conflitos vivenciados com a população autóctone são apresentados na narrativa com riqueza de detalhes.

Os elementos da religiosidade e da cultura popular amazônica também são representados nas narrativas, evidenciando a existência da multiculturalidade e retratando as histórias dos tipos humanos que habitaram e habitam nas localidades e cidades amazônicas e assim dialogam com outros saberes e outras gentes. O papel social das mulheres no contexto amazônico é evidenciado em várias histórias, neste sentido, elas se apresentam como protagonistas ou personagens secundários nas narrativas, todavia, em todas as histórias, ocupam espaços que evidenciam seus papéis, sendo lavadeiras, donas de casas, uma referência como a bailarina da praça, tia Socorro, uma mulher baixinha, dos cabelos lisos e pretos, descendente de indígenas, Yracynira, uma índia guerreira que se aventurava nos rios e nas florestas e desse modo, demarcam a presença da mulher nos espaços amazônicos, sendo elas, uma ponte entre a voz feminina que muitas vezes fora silenciadas e redesenhada por algumas narrativas por “personagens” secundários e de representativa nula.

Navegar sobre essa antologia é descer de canoa o igarapé da memória de cada autor, de cada texto que, construído com as particularidades umedecidas pelas outras memórias deságuam em um rio caudaloso que é margeado por um cenário que imprime um entrecruzamento de vivências dando uma maior densidade às imagens.

A impulsão primordial de obras como estas é a de alargar esse correr do rio para que essas histórias possam ser lidas, ouvidas, sentidas e estudadas por outros olhares, quiçá os não amazônicos também, pois, essas histórias pouco deságuam em outros rios, ficando represadas nos olhares comuns entre as gentes dessas terras. Assim, é preciso romper as fronteiras geográficas, literárias e de outras ordens apresentando um discurso literário produzido na Amazônia por autores que, a partir de seu *Iócus*, demarcam um lugar de fala, um lugar de autoria que representa um discurso político-literário que propões dar visibilidade a estas produções descolonizando e atribuindo outros sentidos.

Por fim, a obra apresenta uma Amazônia do cotidiano, de Porto-Velho, de Xapuri, de Pedras Negras e de outros lugares, da diversidade religiosa: das crenças de matriz africana: candomblé, dos santos e tradições católicas, do deus Tupã, das lendas; das iguarias como o peixe assado na folha da bananeira, da carne seca com

baião, do vatapá, da carne de bicho, da carne de boi, carne de galinha, da farinha d'água, das festas e danças do nordeste, dos indígenas, assim, podemos afirmar que na obra, a Amazônia é representada como espaço de construção simbólica e de pertencimento, onde as identidades culturais podem ser configuradas pela diferença e alteridade na relação com o outro.

Desejamos uma boa leitura e que esta obra possa suscitar outras produções, outros olhares por essas matas com tantas histórias ainda silenciadas.

Profa. Dra. Auxiliadora dos Santos Pinto


Profa. Ma. Márcia Dias dos Santos





SUMÁRIO

1. É o jeito!.....	09
	Ricardo Dantas
2. Uma família tipicamente amazônica: a minha.....	14
	Antonio Paulino dos Santos
3. A caçada.....	27
	Daniele de Souza Firmino Ronilson de Sousa Lopes
4. Caranaí.....	30
	Doralice Alves Mendonça
5. Vitória a dona bola.....	37
	Francisca Lusía
6. Tupã:o herói da floresta.....	43
	Henrique Pereira Galvão
7. Reflexos da identidade.....	49
	Izabel de Brito Silva
8. Atahualpa: o grande chefe inca que caiu no jugo do opressor!.....	57
	Ítalo Moura
9. A lua e o boto.....	62
	João Pedro Antelo
10.Adão e Eva.....	67
	João Uilson Vieira Filho
11.Meu outro eu.....	73
	Joelson de Jesus Araújo
12.Igarapé das mulheres.....	77
	Joely C. Santiago
13.Sussurros da mata.....	79
	Maycon Moura
14.Tempos de encontro.....	82
	Oziel da Rocha
15.As viagens de Luzia.....	84
	Raylan Felipe Macedo Setúbal
16.Um amor pela lua.....	91
	Tauã Lima Verdán Rangel
17. A outra margem.....	97
	Tiago Santos Malheiros



É O JEITO!

Ricardo Dantas

O garoto levantou, esfregou os olhos e soube que ainda era madrugada. Como todos os dias, tinha que pegar a lanterna e iluminar seus passos. Ao sair de casa, entre as árvores da floresta, observou que o alvorecer majestosamente se erguia. Esfregou os olhos novamente, o sono o perseguia. Entrou. O café estava no bule. Ao dar um gole, percebeu que seu pai saíra para o seringal há pouco. Esboçou um pequeno sorriso de orgulho. Com toalha e uma bolsa de palha trançada, foi em direção ao igarapé.

A água do igarapé sempre era fria,mas agradável. Entrou e mergulhou a cabeça. O garoto adorava aquele ritual matutino. Banhou e voltou esperto para casa. Sentou-se à mesa e cortou um pedaço de pão que sua mãe gentilmente havia preparado na noite anterior. Podia sentir resquícios de calor do forno alenha que havia cozido o trigo. Olhou em volta e encontrou a baladeira pendurada na parede. Sorriu. Era a “arma” das suas travessuras. Também pegou algumas castanhas-da-amazônia para saborear no caminho.

Sem caderno ou lápis, o garoto seguiu pelo picadão para sua escola. Sempre deixava o caderno na sala de aula. As tarefas de casa resolviam no colégio. Seu pai queria que estudasse e o garoto entendia. Com seus nove anos entendia que na vida tudo se conquistava com conhecimento e trabalho.

Uma longa caminhada o esperava: “Uma hora e quarenta minutos!” Sempre falava orgulhoso quando alguém perguntava quanto tempo levava para ir ao colégio. Na verdade, todo mundo na reserva sabia quanto tempo cada criança teria que andar para chegar à escola.

Na caminhada rotineira, ao aproximar-se do ramal que levava à colocação “Já Morreu”, do Seu Tião, o garoto observava com atenção o solo,procurava pegadas recentes e naquele dia

estava claro! A onça-pintada tomara o caminho da colocação vizinha: a do seu pai. “Novamente” pensou: “Será que dessa vez o Patrão foi devorado?!”. O Patrão não era um dos “patrões” que por anos haviam explorado e usurpado os seringueiros. Era um pastor-alemão cruzado com vira-lata, alaranjado e bonito e amigo do garoto. Por muitas vezes estava no local e hora de encontro, e assim seguiam juntos no varador até a escola. Era seu companheiro e naquele dia não estava no ponto de encontro. “Tomara que a onça não tenha pegado ele...”.

Subitamente um barulho na mata! O garoto pegou seu estilingue e apontou para todos os lados. Seria a onça? Mas como todos os dias, a rotina se repetia. Não era a onça, apenas vento nas árvores que dançavam pela cruviana vinda dos Andes.

Encontrou a grande seringueira. Lá estavam marcas que seu falecido avô usou para extrair o látex. Parou e como ritual passou os dedos sobre os entalhes. “Essa foi a bandeira que o vovô fez... Essa foi o papai! Vou fazer minha bandeira entre a do papai e a do vovô...”. Abraçou a seringueira como se abraçasse a sua mãe.

Correu como um menino, descendo o barranco e pulando de uma vez na passarela que atravessava o igarapé Redução. Pulava porque sabia que era seguro. Seu pai o havia construído! Viajou e pulou no barranco. As marcas dos seus pés estavam batidas no solo, era o local do pouso.

Tomou a estrada de seringa onde o filho mais velho do Seu Tião traçava as seringueiras para escorrer o látex. O caminho sinuoso e suas ramificações que levavam de uma seringueira a outra era um verdadeiro labirinto no interior da floresta. Mas o menino não se perdia. Conhecia perfeitamente todas as estradas. E era assim, passava de uma estrada para outra pegando atalhos no meio da mata fechada.

Encontrou uma espera logo abaixo de uma antiga e enorme guariúba. Seus frutos atraíam as pacas, caça de carne saborosa e parte da segurança alimentar das famílias dos seringais. A

armação da espera estava bem-feita. As amarras eram conhecidas. Novamente o Manel, genro do Duda, havia invadido a colocação do Seu Tião para caçar. Provavelmente na próxima reunião o episódio seria discutido sobre os limites de caça nas colocações de cada extrativista. Gastavam-se horas nas assembleias da associação com assuntos que poderiam ser resolvidos facilmente se não fosse a teimosia de alguns. Saboreou algumas castanhas. Sua barriga roncava. Mas as nozes aliviavam a sensação de vazio. Não sentia fome. Nunca sentira.

Gargalhou ao ver um veado que bisonhamente se espantara com seu grito: “Meu amigo Vermelho! Hoje eu te enganei novamente! Cadê seu irmão?”. Sorriu muito. Avistou o ramal principal. “Tá perto agora!”, falou alegremente. O sol começava a se desgrudar do horizonte. O garoto sabia o momento certo de ver o sol entre duas castanheiras, o que formava um espetáculo maravilhoso. Como um felino, pulou e esticou a baladeira, deu um tiro certo em uma jovem sumaúma de copa frondosa. “Viu como estou melhorando minha pontaria!?”.

A majestosa sumaúma sorriu aos ventos que a acometiam.

Muito perto da escola, uma moto vinha a todo vapor. Era o Roberto que provavelmente vinha de Xapuri, da casa da namorada. Tinha que chegar cedo à colocação “Tome Cuidado” do Senhor Japão, seu pai. “Está atrasado novamente, Beto!”, bradou o garoto gesticulando as mãos. Uma nuvem de poeira emergiu, o garoto levantou a camisa até o nariz e lacrimejou. Gritou no meio da poeira densa. Gritou sem ser ouvido. Praguejava que por mais uma vez o motoqueiro não fora gentil. Na sua juventude de dezoito anos, Beto só pensava em namorar, e esquecia que tinha uma tarefa matinal: tirar leite das vacas. “Seu Japão vai ficar bravo novamente!”.

No picadão principal, ao aproximar-se das instalações da escola, avistou Camila, colega de classe. Ao ver o garoto, ela sorriu

e foi correndo ao seu encontro. Continuou caminhando e ela deu-lhe a notícia:

– Davi! Davi! – ainda ofegante – A professora está doente! Não tem aula hoje! Davi sorriu. Tímido, mirou os amendoados olhos de Camila:

– O que ela tem?

– Parece que malária! Não se sabe ainda. Mas ela está muito mal, coitada...

– Já foi pra Xapuri?

– Ainda não passou nenhum carro voltando para Xapuri. Mas minha mãe falou que ela está é grávida! Tenho medo de um dia ficar grávida. Será que vou ter que pegar malária?!

O garoto ficou em silêncio.

– Vamos brincar? convidou Camila.

– Olha. Poeira. Carona.

– Já vai embora, Davi?

– Tenho que ir... Se não tem aula, tenho que ajudar minha mãe...

– Eu sei... Olha! É um carro. Vou pedir para parar.

A caminhonete, ao ver o aceno, parou. Seu Daú abaixou o vidro:

– Pode dar uma carona para meu amigo? – perguntou Camila.

– Claro que sim, minha filha. Mas estou indo para o final do ramal principal, não sei quando vou voltar... – disse cordialmente, o antigo seringueiro do seringal Cachoeirinha.

– Mas eu vou bem ali na frente, interveio Davi.

– Ali na frente onde, meu filho? – O velho sorria com seu rosto cansado da viração.

– Ali.

– Então entre.

Camila olhou tristonha para Davi que prematuramente a abandonava. Ele acenou com a cabeça em despedida. Iniciaram a partida.

– De quem é essa colocação? – perguntou para o garoto apontando para a esquerda após um pequeno percurso percorrido.

– É do Dão.

– E aquela casa? De quem é? – apontando já quase fora da visão de alcance.

– É do irmão dele.

– Como é seu nome?

– Davi.

– Onde é sua colocação? – continuou.

– Ali, apontou com o dedo para Noroeste.

– Qual o nome da sua colocação?

– Esperança...

– Sua casa fica na beira do ramal principal?

– Vixi. Fica nada. Tá longe.

– Quanto tempo de caminhada?

– Uma hora e vinte minutos... Mais ou menos.

– Tudo isto?! – Seu Daú ficou assustado.

– É...

– E você não tem medo?

– É, tenho medo...

– E você caminha todo dia tudo isto para ir e voltar pra escola?

Davi apertou os lábios, e bravamente falou:

– É o jeito!

EPÍLOGO

– Mas Chico, tem certeza de que vai fazer isto?!

– É o jeito!

UMA FAMÍLIA TÍPICAMENTE AMAZÔNICA: A MINHA

Antonio Paulino dos Santos

O caro leitor deste conto deve saber que da árvore da seringueira (*Hevea Brasiliensis*) é retirado um líquido branco e viscoso, chamado látex, que passa por uma coagulação em contato com o ar, formando uma liga, conhecida como borracha, o chamado Ouro Branco.

Sabe também que houve na história do nosso Brasil, no seio da floresta amazônica dois ciclos da borracha: O primeiro, de 1870 a 1912, aproximadamente, período em que Manaus era chamada de Paris dos trópicos. Era a *Belle Époque* na Amazônia.

E o segundo, ocorrido entre 1942 e 1945, durante a Segunda Guerra mundial, parceria com o governo americano para a exploração da borracha, por isso, os seringueiros dessa época receberam o título de “Soldados da Borracha”.

Foi justamente no início do primeiro ciclo da borracha, que se inicia a saga de diversas famílias do nordeste brasileiro, à procura do famoso ouro branco, que perfaz a história da formação de tantas famílias na região, incluindo a minha querida Família Ventura.

O que o leitor talvez não saiba é a infinidade de boas histórias originárias a partir desse êxodo para a ocupação da região e a improvável composição familiar advinda com a exploração das seringueiras em toda a região do rio Purus.

Para desbravar a história da minha família, ou melhor, a minha própria história, não havia outro viés a não ser recorrer à história oral. Organizar momentos com parentes próximos, parentes distantes e amigos da época, ouvir as

histórias e reorganizá-las a fim de melhor compreender toda essa tessitura.

E foi assim que numa manhã ensolarada de um domingo qualquer, convidei meu pai para uma conversa em seu local principal de trabalho: a serraria Ventura, às margens do igarapé do Caititu, nas proximidades da ponte de madeira que liga o bairro da Fonte ao centro da cidade, que ele me relatou gotas da história de nossa família.

- Papai, como começou a história da nossa família? O que o senhor pode me contar sobre o que ouviu e do que viveu às margens do Rio Purus desde antigamente?

- Pra começar esse é o melhor lugar para a nossa conversa. Veja quanta madeira tem no pátio e no porto da serraria. Vai daqui, passa pelo Medalhão até chegar do outro lado do lago, na serraria do Joaquim Português. É uma fartura, mas nem sempre foi assim. Se hoje a gente tem a matéria-prima para trabalhar e daqui beneficiarmos a madeira, os nossos antepassados não dispunham da mesma possibilidade.

- Como assim? Me explique essa situação!

Então toma nota.

O ano era 1870 e a riqueza do mundo era a borracha, o látex retirado da seringueira. No nordeste brasileiro a fome era intensa e o sofrimento ditava as regras naqueles estados.

Foi quando em 1871, o coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre fincara residência nas barrancas do Purus, nas proximidades do afluente rio Ituxi, local em que anos depois surgiu Lábrea, nome dado à cidade em homenagem ao Coronel.

Para povoar o local trouxera vários nordestinos, principalmente maranhenses e cearenses (os chamados arigós) para desbravar aquela região inóspita (e também

trabalhar de graça, atuar nos seringais e na exploração de madeira e outras riquezas e fazer valer seus projetos para a região). Esses nordestinos eram descendentes de negros africanos, que, em sua maioria chegaram naquela região como mão-de-obra barata.

- Não existia ninguém, quando o Coronel aqui chegou?

- Falava-se de um casal: a Velha Catita amasiada com o Paumari José Antônio, mas existia também uma série de tribos/etnias indígenas (os chamados índios *brabos*) – Paumaris, Apurinãs, Jamamadis, Denis e tantos outros que foram sucumbindo ao longo do tempo (por doenças trazidas pelos brancos e negros) ou dizimados em conflitos com estes.

- Alguém mais trouxe nordestinos para cá?

- Boa pergunta.

- Sim. O Padre Francisco Leite Barbosa, cearense de Aracati, em 1877, trouxe uma grande leva de nordestinos, principalmente cearenses de Crato, Aracati e região, porque a seca se intensificava e dizimava tantos. Foi esse padre que atuou para a criação da paróquia Nossa Senhora de Nazaré, no ano seguinte, 1878 ainda não existia nem status de cidade, mas a Igreja já estava presente.

Alguns dos arigós trazidos pelo coronel Labre, pelo padre Leite e por tantos outros navios gaiolas que chegavam nessas paragens foram direcionados diretamente para os seringais para atuarem no corte de seringa, inclusive um jovem chamado João Caetano, meu avô por parte de mãe.

- E qual é a história do meu bisavô João Caetano?

- A mãe contava que o pai dela (nordestino do Crato) ouvia do pai dele (vindo nos navios negreiros da África que

desatracaram no Nordeste brasileiro) que era no Purus, na Lábrea, perto do Acre mais precisamente, que muitos nordestinos vinham para ganhar dinheiro com a borracha. Só não sabia explicar porque eles não retornavam pra casa, pro Nordeste.

João Caetano achava que era porque ficavam tão ricos que, ou ficavam morando em Belém ou em Manaus. Essa utopia era suficiente para deixar os olhos de João brilhando com vontade de conhecer essa terra do ouro branco.

- E como ele chegou até o Purus?

- Ele soube de um coronel que estava garimpando homens da região do Crato, pretos, fortes, dentes brancos, bons de saúde, para trabalhar nos seringais da Lábrea. Ele não sabia exatamente o que era um seringal, nem onde era Lábrea, mas a certeza da riqueza era tamanha que não pensava nas consequências da decisão.

O que conhecia culturalmente (do Nordeste) era a seca, a fome, a falta de insumos básicos para a sobrevivência, a luta incessante que não gerava expectativas suficientes para viver com o mínimo de dignidade. Era a realidade do sertão semiárido nordestino. O auge da força física dos seus vinte anos de idade não permitia pensar diferente não fosse a vitória e a riqueza iminente.

Mudança de século. É 1905, João Caetano segue o itinerário do navio gaiola do Coronel Adolfo. Na bagagem (ou melhor, numa mala velha: umas poucas mudas de roupa, uma lata com peixe frito, uma vasilha com rapadura; a fé (devoção oriunda do avô vindo da África) nos orixás, manifestados nos terreiros de candomblé; nas roupas floridas; nas festividades diversas; no seu jeito de falar, de comer, de andar e principalmente na força de

vontade de ganhar algum dinheiro e voltar para o Crato para ajudar a família.

- E o navegar, papai? Como foi essa viagem do Ceará até o seringal?

- Rapaz, Tôi, não era fácil!

- João recebeu um dinheiro do coronel pra fazer a aviação e fez. Despediu-se dos pais:

- Bença, pai. Bença, mãe. Vou pra Amazônia ganhar dinheiro e voltar pra fazer uma casa. Adeus, maninho! Troca de abraço, olhares perdidos e os pais recomendaram:

- Cuidado, João. Presta atenção na vida. Foi a última vez que se viram.

Semanas e semanas de viagem: do Crato, no Ceará, direto para o Maranhão, onde embarcaram mais pessoas. Daí água e mais água até chegar a Belém, onde ficaram alguns companheiros de viagem.

De Belém, João Caetano e os demais seguiram até Manaus, onde ficou encantado com a beleza da cidade. Muita riqueza cravada na Selva Amazônica.

- É aqui que eu vou ficar, disse João em voz alta.

- De jeito nenhum, rebateu o Coronel Adolfo. Você é da turma do seringal da Lábrea. Paramos apenas para fazer aviação.

João já padecia com fome (o bucho tava cheio de carne seca e farinha). Já havia sido inclusive tocado pelo paludismo e depois de tanto tempo de viagem já sentia o arrependimento bater, mas ao ver as luzes de Manaus, se fortaleceu. Achando que a cidade era composta por pessoas que trabalhavam nos seringais, que ganharam dinheiro e se mudaram pr'ali. Ledoengano! Seguiram viagem, Purus acima. E de repente, após uma grande

praia (do Pirão), surge Lábrea, Enfim! a cidade tão esperada.

O gaiola, movido a vapor, era rápido pra época, mas de Manaus à Lábrea gastaram 35 dias de viagem. Chegando na cidade ficaram algumas pessoas, mas João mais uma vez ficou a bordo. E depois de uma semana atracado no porto de Lábrea, de onde via algumas poucas luzes, tempo em que na cidade moravam apenas 200 almas e cerca de 20 mil nos seringais, centros e colocações, na zona rural; rumaram Purus acima parando então na região chamada Boca do Acimã, cujo rio é um dos afluentes do Purus, João foi apresentado ao coronel Marinho, o dono do lugar (seringalista dos brabo). Ali ia trabalhar e ainda sem saber, passaria toda a vida.

Do Coronel recebeu um boião de ferro, um balde, uma faca de seringa, várias tigelinhas, uma machadinha de ferro, um terçado, colher, prato, panela e uma colocação chamada Monte Santo para cortar seringa. Mal havia chegado e já devia uma fortuna ao patrão, inclusive o dinheiro dado para organização da viagem: a viagem do Ceará até o seringal. Muitos risos de outros seringueiros e a humilhação de alguém que acabara de chegar e não estava entendendo nada, só sabia que seu novo apelido (ou nome pejorativo) era arigó, dado por outros arigós, vindos em outras viagens anteriores, que cortavam seringa em outras colocações.

- Vocês tão aqui há muito tempo?

- Eu tô aqui há cinco anos e o meu cumpade aqui há uns dez.

- Ainda não ficaram ricos?

- Ricos? Aqui no máximo, estando como saúde e comprando alguma coisinha por mês, tá bom. Porque as dívidas só aumentam e a paludismo já matou muita gente.

Sem contar os bichos da mata: a onça, a cobra e as carapanãs.

- Vai ver quando começar!

E assim, o vô João foi aprendendo a abrir estrada, cortar, defumar e nunca saldar.

Além de trabalhar feito um condenado, não podia plantar nada para o sustento e assim o tempo ia passando. Já nem lembrava mais dos pais, deixados no Crato, do avô ou de outros parentes. Achava que nunca mais saía dali e não mais saiu, salvo nas circunstâncias para uma festa ou um jogo de bola nas colocações próximas.

- Como era a realidade social, naquele tempo em que o Bisavô João Caetano se instalou no Monte Santo?

- Quem mandava em tudo eram os coronéis. Eles ditavam as regras. Tinham todo o dinheiro da época, adquirido através do trabalho penoso do seu bisavô e de tantos outros que deixaram suas vidas no Nordeste e se embrenharam nas matas, nos seringais, onde era produzida toda a borracha que enriqueceu Belém e Manaus e era mandada toda principalmente para a Inglaterra e Estados Unidos.

Eram dias difíceis para os nossos conterrâneos. A sociedade da época era muito patronal: tipo mandava quem podia e obedecia quem tinha juízo. Nestes termos! Vida e morte andavam lado a lado.

E ainda: relações conflituosas e harmoniosas; paixões e traições; exploração sexual e trabalho escravo; poucos casamentos, muitos casais amasiados/emancebados; filhos naturais, outros fora do casamento. Havia sempre o paradoxo, aquilo que fugia do comum das relações, inclusive brigas, tentativas e assassinatos. O seringal era um poder paralelo, sob a

égide dos coronéis e seus fieis escudeiros, os seringalistas e seus capachos. Lá na ponta ficava o seringueiro, que sustentava toda essa estrutura alienante e escravocrata.

Construções faraônicas em Manaus como o Porto Flutuante Rodway, o imponente Teatro Amazonas, a Catedral de Manaus, a estrutura arquitetônica do mercado Adolpho Lisboa, o prédio da Alfândega e tantas obras importantes foram custeadas com o suor e sangue do meu avô João Caetano e de tantos outros que, inclusive deram a vida nos seringais do Purus.

Foi quando em 1921, dezesseis anos após sua chegada, sem ficar rico, nem voltar ao Nordeste ou ao menos saldar um mês, que João Caetano fincou de vez raiz na região e já tendo um filho com uma índia da região, o Raimundo, conheceu Maria Marcionília, bela cabocla (mistura do negro nordestino com o índio da região), mulher prendada e trabalhadora com quem teve Maria Madalena (a mãe).

- Que mistura, meu pai, exclamei assustado!

- Mistura muito grande mermo!

Imagina só a mestiçagem: um negro puro vindo do nordeste tem uma filha com uma negra, filha de negro com índio? Dessa mistura nasceu Maria Madalena Ventura dos Santos, minha mãe, sua avó.

Um verdadeiro choque cultural. Uma miscigenação quase improvável, mas que torna a nossa família uma prole tipicamente amazônica e muito especial, exatamente por isso. É a diversidade religiosa: das crenças de matriz africana, candomblé; com os santos e tradições católicas, vindos com os europeus (padres e outros missionários, seringalistas), além do culto à natureza e a Tupã professado pelos índios. O que dizer da culinária: iguarias nordestinas como carne seca, baião de dois, vatapá e

mugunzá; com a caça de bicho do mato, o peixe assado na folha da bananeira e a farinha d'água do índio; mais a carne bovina e a galinha de granja do branco.

Muitas contribuições também na dança: as festas juninas nordestinas, o forró e o xaxado; as danças indígenas e lendas amazônicas; a dança portuguesa e o carnaval do branco etc. E assim também no jeito de falar, de andar, as roupas e vestimentas e até o jeito de levar o casório, o grande número de filhos, inclusive fora do casamento. Quanta riqueza cultural é permeada por essa mistura de raças/etnias, com seus gostos, sabores e tradições. Força, fê, atitude e trabalho.

- Bora continuar a conversa, papai?

- Sim, é porque me empolguei, deixa eu concluir aqui: é bom que a gente respeite cada um pelo seu jeito de ser: é negro, é índio, é branco e ainda tem os sírio-libaneses, que eram todos chamados de turcos, que trabalhavam nos seringais na condição de regatões (vendedores de mercadorias nas diversas localidades).

- E depois do nascimento da vó Madalena?


Bem. João Caetano, depois do nascimento de Madalena, teve ainda outro filho com Marcionília, o tio Chico Caetano e ainda assim viveu até pouco com a mulher. Deixou Madalena e Francisco com Marcionília e seguiu a vida. Ele teve outros seis filhos. Manoel Leite e Tonheira com Maria Joana, e; Braz, Laura, Quetê e Bento, com Beatriz, vindo a falecer em 1970, no Sepatini. Nessa época já tinha passado o período de ouro da borracha. Os seringalistas já não tinham o mesmo poder e a borracha que demandava para o mundo era produzida na Ásia. O que sobrou muito para o rio Purus e região foi uma série de famílias formadas por essa incrível miscigenação. Muitas não chegaram nem a passar de pais para filhos,

mas sepultadas com eles, quer seja pela malária ou outros males, quer seja por situações de necessidades básicas e até conflitos. Os poucos seringais que sobreviveram já não tinham a rentabilidade de antes. Foi uma espécie de libertação para os seringueiros porque eles passaram a atuar também na extração de madeira e na agricultura de subsistência. Plantavam mandioca, milho, feijão, macaxeira, melancia e outras culturas.

Houve um êxodo muito grande: das colocações e seringais para a beira do rio, para as praias, onde o *húmus* deixado após a alagação contribuía para o fortalecimento do plantio dessas culturas de praia. Era uma nova forma de viver. A borracha nunca dava para saldar e a agricultura garantia a alimentação e o que sobrava era vendido para os regatões (principalmente os sírio-libaneses que negociavam nos seringais, escondido dos coronéis) ou na forma de escambo, na troca por mercadorias com comerciantes de Lábrea.

Muita gente mudou para Lábrea. Havia novamente a fraude no processo. Por exemplo, uma saca de feijão era trocada por uma lanterna e duas pilhas ou vários bichos de casco e mantas de pirarucu por cinco quilos de açúcar e dois pacotes de café e assim sucessivamente. Nesse contexto, Madalena (a mãe), já mulher feita, deixou o Monte Santo, no Acimã e foi viver sozinha na localidade chamada Cachoeira do Hilário. O lugar era propriedade de uma família de portugueses, advindos de São Paulo, liderados pelo seringalista Álvaro Ascensão, que manteve vínculos com a família espanhola dos Alvarez.

- Eita, papai! E aí?
- E aí? Aí que eu nasci!
- A mãe trabalhava na baleeira do patrão, Álvaro Ascensão. Ele casado, já pai de uma filha, dono do lugar,




engravidou Madalena, a empregada. E eu sou fruto dessa improvável união. Não sei em que condições se deu. Se a relação foi consentida, se Madalena foi abusada, o que sei é que sou filho da negra empregada com o branco seringalista. São as histórias vividas e permeadas nas barrancas do Purus. Já nos idos de 1950, após a segunda onda da borracha, em parceria com os americanos, para a segunda guerra mundial. Por isso os nordestinos vindos para a região, nessa época não eram chamados Arigós, mas soldados da borracha. A esposa de Álvaro ainda aceitou a traição e até o meu nascimento, cuidou da empregada do marido. Veja só a situação, meu filho.

- E depois do seu nascimento, papai?

- Nunca soube direito como foram os meus primeiros anos de vida. A mãe disse que depois que nasci ela se mudou para o Marrahã, onde morava o irmão Chico Caetano e era cuidada pelo primo Luiz Berto, próximo do São Clemente, onde moravam os outros irmãos por parte de pai: Braz, Quetê, Tonheira, Laura e Bento. O que sei é que fui registrado em 1953, sem pai ou avós declarados, tendo nascido no Marrahã. Quando eu já era adolescente, a mãe teve mais dois filhos: Agostinho Ventura, com Manoel Salgado e Francisco Berto, com Chico Salgado, irmão do Manoel Salgado, ou seja, meus irmãos além de irmãos eram também primos. Rsr. A mãe não era fácil. Rsr.

Começa então a minha vida de trabalho no corte de seringa e na extração de madeira e a peregrinação por várias colocações, seringais e comunidades, até chegar à praia do Cassianã, em 1978, quando conheço a sua mãe e aí nasce você, em 1979. Um período de muito suor e dificuldades, mas também de muitas lutas e vitórias, passando pelo período em que nos mudamos para o



Maciary, ondelecionei por quase dois anos e trabalhei incessantemente na extração de madeira e na agricultura para sustentar você, sua mãe, seus dois irmãos e adquirir uma casa na Lábrea, onde vocês poderiam estudar e eu organizar uma serraria para aproveitar parte da madeira para venda beneficiada. E olha a serraria aqui prontinha onde estamos e ainda tem o comércio e você quase terminando o segundo grau! Quanta coisa!

- Verdade, papai.

- Mas, tá bom, rapaz! Chega de conversa por hoje!

- São muitas histórias, papai. (Acho que vi ele lagrimar de emoção). Tenho muita coisa para lhe perguntar ainda! O senhor teve algum contato com a família do seu pai? Como foi a sua infância e adolescência até conhecer a mamãe e se mudar pra cidade?

- Essas questões ficarão para a próxima conversa, porque muita coisa você já compreendeu, tenho certeza. Você é inteligente e vai até estudar em Manaus, um dia.

- Vou ali na ponte jogar uma sinuca!

- Tudo bem! E eu vou ali em casa ver o que a mamãe fez de almoço!

- Mas não é para comer enquanto eu não chegar! (E saiu sorrindo!)

Isso foi em 1997 e praticamente foi a nossa última conversa porque dois anos depois fui construir a minha própria história e fui morar lá pras bandas da Vila Falcão, em frente ao Porto da Comara e em 2002 papai foi morar com Deus, sem jamais termos um diálogo igual àquele.

Mas daquela conversa ficou um ensinamento para a vida: independente da sua origem seja sempre a melhor pessoa possível, buscando conhecer suas origens porque essa é a sua história – com suas peculiaridades, momentos felizes, outros nem tanto, mas construída por

peças que, independente das dificuldades, contribuíram significativamente para que você seja a pessoa que é hoje: única! Até porque você precisa conhecer para contar a seus filhos e netos.

Engana-se, caro leitor, quem pensa que essa é uma exclusividade da família Ventura. Muitas outras foram as famílias formadas nesse processo de miscigenação, cujas histórias precisam ser (re)contadas e registradas para servirem de arcabouço teórico para as futuras gerações, permitindo que tais momentos sejam devidamente eternizados.

E, pois, com a saudade causada pela ausência de meu pai e com o falecimento da maioria dos seus primos e tios aqui citados, muitas são as lacunas que ficaram por conhecer, porém, sei que mesmo contando gotas da história dessa parte da minha família, é possível congregarmos aos mais novos essas nuances da família Ventura e permitir ao leitor compreender a sua história, além de (re)significar o nosso caminhar enquanto navegantes no rio da vida, que precisam conhecer como navegaram os antepassados para chegarem ao porto final com segurança.

A CAÇADA


Daniele de Souza Firmino
Ronilson de Sousa Lopes

As noites frias são minhas preferidas. Eu acordo e vou caçar. Minha presa predileta são as penudas. Elas ficam não muito distantes de onde eu moro.

Eu tenho seis filhos pequenos e famintos e alguns outros que já se foram para longe de mim. Eu nem sei exatamente por onde eles andam agora. Depois que os filhos saem do saco eles se vão explorar seus próprios mananciais. O meu companheiro não costuma me ajudar muito na alimentação dos meus filhotes. Ultimamente eles têm sugado toda energia que há em meu corpo.

Eu olho de longe e meus olhos quase que não vencem a escuridão, mesmo assim eu consigo sentir o cheiro das penudas. Porque eu não vou lá então? Há um monstro que se me vê atrás das penudas, me mata. Um dia, ele acertou uma paulada no pai, minhas crias que por pouco não o matou. Suas costelas ficaram dilaceradas por meses. Mas, agora já anoiteceu eu posso ir lá tentar a sorte, se é que existe, vou precisar. Desço a minha casa no velho cupinzeiro no alto de uma castanheira e sigo. Há algumas cercas. O monstro gosta de cercar tudo em sua volta, como se o mundo que a natureza nos deixou fosse somente dele. Ele é muito ganancioso. Ele também devorou tudo que existia a nossa volta, ficou pouca opção para seres como eu conseguir se alimentar e alimentar meus filhos, por isso eles vivem famintos. Estou ouvindo o barulho daquele animal infeliz que ele domesticou. Ele trabalha para o monstro por suas migalhas, não entende que é um ser como eu.

Eu as vejo em um galho de laranjeira. Há muitas penudas lá. Salto em um filhote e arranco-lhe a cabeça. Hoje meus filhos terão




o que comer. Porém, ouço o barulho das outras agitadas e o barulho do animal domestico dele correndo em minha direção. Eu salto e subo em outra camu- camu. Vejo uma tocha brilhar dentro da toca do monstro, e de repente uma brecha se abrir. Ele mira uma luz resplandecente em meus olhos cheios de medo e, eu vejo os seus olhos cheios de ódio, ainda que os meus estejam turvos pela claridade e com um instrumento estranho em suas mãos a apontar em minha direção, ouço um estrondo e meu corpo sendo arremessado ao chão. Ao cair fiquei ferida, atordoada e quase desmaiei. Seja qual for o instrumento que aquele monstro perverso utilizou me acertou em cheio. Tento me levantar, mas não consigo. As forças que me restam estão quase se esgotando. Eu sei que não vou viver por muito tempo. Escuto barulhos de fortes pisadas e latidos se aproximando. Percebi que o monstro e seu animal doméstico estavam voltando. Sou arrastada como se estivesse sendo levada para algum lugar.

E agora? Fiquei me perguntando o que iria acontecer comigo de novo. Estava com medo. Queria poder viver algumas horas a mais. Quem sabe algum amigo bondoso passa aqui por perto e me ajuda.

O mostro voltou para saber se realmente eu havia morrido. Empurrou-me de um lado para o outro. O animal doméstico me cheirou, meus ouvidos cheios de sangue mal puderam decifram o seu rosnado irritante, em seguida abocanhou-me com suas presas e sacudiu todo o meu corpo com voracidade e só depois de alguns instantes deixou-me em um canto e foram embora. Finalmente me deixaram em paz.

Ainda estou viva, porém por pouco tempo. Minha respiração está cada vez mais fraca e eu sinto doer todos os pelos do meu pobre e dilacerado corpo. Estou deitada pensando em muitas coisas. A caçadas valeram a pena, aliás, quase todas. Infelizmente hoje será diferente. Não poderei levar para casa aquelas deliciosas penudas e servir no jantar. Pela primeira vez meus filhos não terão



o que comer. Já não aguento mais. Sinto que chegou a hora de partir. Sei que durante todos esses anos dei o meu melhor para alimentar os meus filhos? Qual mãe não faria isso? Fiz e faria tudo de novo.




CARANAÍ

Doralice Alves Mendonça

Apenas a esposa Nenzinha o chamava de Antônio. Ele era conhecido por todos como “Caranaí”, era o vizinho mais atencioso, paciente e gente boa daquelas redondezas. Veio do Ceará na década do Ciclo da Borracha, era seringueiro, fixou residência às margens do rio Candeias, onde sustentava os seis filhos com sua plantação de macaxeira, arroz, feijão, maxixe, quiabo e jerimum. Também colhia coco babaçu que, após moído no pilão produzia o óleo e o leite para as refeições, pescava e embora a caça não fosse fácil, de vez em quando trazia uma fartura para família como um tatu, uma paca ou uma cutia.

Caranaí era seu apelido por manusear com habilidade a faquinha ‘salva vida’, (aquela mesma conhecida nas terras de Lampião, uma lembrança que guardava e apresentava como herança do pai quando vieram do sertão nordestino em busca do ouro branco nas terras amazônicas) no corte da palha de caranaí para os telhados das casas de quem encomendava, e como não se usavam pregos naquela região, ele sempre tirava a envira, que são tiras de fibra muito resistente, utilizadas para amarrar a palha dos telhados e paredes, bem como a paxiúba dos assoalhos. Também tirava madeira lavrada no machado para esteios e caibros. Era comum vê-lo voltar da mata com uma rodilha na cabeça, era o cipó titica, que ele e sua Nenzinha usando das habilidades de artesãos, descascavam e transformavam em vassouras, cestos e balaios, para ser negociado na cidade próxima e sustentar a família sempre com o suor do seu rosto e a arte das mãos.


Quando ia fazer suas entregas de artesanatos levava também açai, patoá, abacaba, tucumã e pupunha para vender, como outra forma de renda para trazer o alimento da família, mas talvez por seu tipo físico franzino, a voz baixa e fala mansa, ou mesmo por seu caráter pacífico, aquele homem tão simples e honesto muitas vezes



precisava dormir nas proximidades da feira para esperar o dia seguinte quando os compradores prometiam pagar a mercadoria recebida e que ele então, com o pouco dinheiro podia comprar os mantimentos; isso quando não lhe ofereciam cachaça em troca dos produtos, e ele não conseguia recusar uma ‘meiota’ que lhe tirava a fome, o frio e dava a sensação de super- poderes contra as almas sebosas que insistiam em mandar voltar no dia seguinte, embora soubessem que ele morava a mais de 20km da cidade, um percurso que fazia a pé porque naquele tempo, até as caronas eram escassas.

No dia em que voltava sem tostão e sem nenhuma alimentação para os filhos que esperavam em casa, era quando voltava mais alegre que o normal, vinha cantando cantigas e dançando pela estradinha do seu sítio e sua voz era ouvida de longe. Nenzinha, acorada à beira do fogão de lenha pressentia e falava com uma voz baixa, na verdade resmungava com toda certeza, porque além da sintonia conhecia Caranaí pelos tantos anos de convivência: “O pai de vocês já vem com a cara cheia!” Os filhos não comentavam nada, mas entendiam que naquela noite iam ouvir histórias de assombração e aventura, iam rir com o pai, cantar, dançar e brincar de adivinhação e podiam demorar para dormir.

Mas depois que os filhos dormiam Caranaí sabia que precisava dar uma explicação para sua companheira que trabalhava com ele no plantio, na colheita, na coleta na mata, na fabricação dos utensílios com cipó, e que fazia de tudo para alimentar seus filhos sem precisar ficar rezando baixo enquanto cozinhava o que tinha, esperando um milagre todos os dias. E ele com a mansidão de coração e sua voz baixa apenas respondia que “o homem que ficou com a mercadoria disse que não tinha dinheiro para pagar! O que eu podia fazer Nenzinha? Eu só queria voltar para casa e vim a pé porque nem carona consegui pegar hoje.” Ela resmungava alguma coisa, muito mais para si mesma do que para



o marido ouvir e ia dormir contrariada com a situação e o cheiro de cachaça impregnado, mas fazer o quê se ele era o pai dos seus filhos.

Ele contava sempre, as crianças pediam que repetisse a história do pai da mata, aquela que um dia três caçadores foram caçar e entraram na mata sem pedir licença, ainda por cima não levaram fumo para trocar com os donos dos animais e ousaram querer matar um porco- do- mato sem autorização. Correram muito, se machucaram com cipó titica, na verdade levaram uma surra do invisível e rodaram muitas vezes perdidos no mesmo lugar da mata, perderam o pirão de farinha e a água que levaram com eles e já estavam desesperados sem conseguirem mais raciocinar quando viram uma família de macacos, o bando fazia barulho no topo de uma árvore. Os caçadores tinham uma boa visão da cena porque já tinha amanhecido o dia, era hora de voltar para casa e precisavam de pelo menos um daqueles macacos mesmo o mais magro serviria de alimento. O pior aconteceu quando um dos caçadores atirou e acertou o menorzinho deles, ouviu- se um ganido de dor e outros gritos de desespero. Os caçadores parados, estarecidos com os pés que pesavam chumbo, não conseguiam se mover do lugar e assistiram paralisados a cena: A macaca que parecia ser a mãe com o filhote no colo, arrancava folhas da árvores para tampar o ferimento e parecia consolar o ferido com sua ação e com o olhar suplicava para aquele que era o maior do bando. Este, atendendo ao pedido, estufou o peito e fez a comunicação que assusta até hoje aqueles caçadores que juram de pé junto que não estavam bêbados, nem sonhando, nem delirando porque viram com os olhos do dia e ouviram quando ele disse: “ Margarida, segura o José Inácio que vou descer lá embaixo e descobrir se o cabra é macho!”

E foi numa dessas situações em que faltava o básico em casa que Caranaí decidiu sair ainda de madrugada para caçar na mata que ficava nas suas terras. Acontece que o vizinho e também

compadre, Chico Cutia também gostava de caçar, costumavam armar esperas juntos, as famosas armadilhas para facilitar a captura da caça. E naquele dia o destino quis que ele as colocasse nas terras do compadre, se aproveitando de duas situações, lá havia mais “comidia” de animais e ele sabia que quando o compadre chegava alegre não tinha condições de sair para caçar. Ele não resistiu aos rastros das caças que marcavam o chão debaixo das fruteiras, eram pés de uxi, tucumã, pajurá, piquiá e o dono das terras, seu compadre nem iria ficar sabendo.

O compadre Chico Cutia deixou a armadilha preparada para qualquer bicho de pequeno porte e foi dormir esperando ouvir o disparo da espingarda para ir buscar a refeição da família. Nenzinha estava no 13º dia de resguardo do sétimo filho. Sabia para onde o marido tinha ido, porque ele sempre avisava a localização antes de sair. Ia para Grutião. Quando ouviu-se o disparo da espingarda, outro alarme disparou dentro dela. Levantou-se correndo e foi para a mata atrás do marido. Pediu aos filhos que avisassem ao compadre e vizinho que um acidente acontecera com Caranaí. As crianças gritavam pelo caminho que o pai havia morrido. Foi tudo tão rápido. Porque não podia ser uma caça abatida? Porque aquela sensação de acidente fatal? E foi assim que levada pela intuição que seu coração o encontrou baleado e sangrando muito. Ele sem condições de caminhar. Ela não conseguia carregá-lo. O jeito foi esperar o compadre Chico Cutia chegar para ajudar.


E ele chegou correndo e ansioso, demonstrava curiosidade e indignação “como você conseguiu se atirar compadre? E logo uma espingarda de cartucho¹⁶, que as pólvoras se espalham e fazem um estrago no lugar em que entram?” Quem conhece, sabe que a parte da caça onde este cartucho penetra, fica impossível de aproveitar pela quantidade de chumbo, coloração arroxeadada e o sabor amargo na carne. Agora imaginem naquela perna humana, fina e magra. E usaram raspas de palheira para estancar o sangue

que não parava de jorrar do ferimento na perna. Acontece compadre, disse mansamente Caranaí, que o tiro seria na minha cabeça porque me abaixei para tocar no rastro do animal, quando minha perna tropeçou no fio da sua armadilha. A espingarda é sua, você quem provocou o acidente colocando sua arma nas minhas terras.

O compadre Chico Cutia o carregou nas costas em silêncio até a casa, talvez arquitetando uma desculpa que convencesse o compadre Caranaí a não dar parte dele na polícia, pois certamente seria preso por sua atitude criminosa. Movido muito mais pelo medo da justiça do que pela compaixão pela família do pobre acidentado, que ele implorou que o compadre não o denunciasse, e prometia jurando por tudo que lhe era mais sagrado que alimentaria as crianças enquanto o pai delas estivesse internado e tratando do ferimento no hospital, caso contrário, se ele fosse preso, o que seria das duas famílias, afinal, ele também tinha filhos pequenos para sustentar?

Acontece que uma mulher de resguardo quebrado de um filho que apenas nasceu e morreu antes de mamar não consegue cuidar nem de si mesma, imagina de uma família com seis crianças com fome. E ela também foi levada nos braços de vizinhos para o hospital, pois não tinha forças nem para caminhar, ‘parecia morta na cama sem levantar nem falar’ como diziam as crianças para quem perguntasse por ela.


O responsável por aquela tragédia bem que prometera ajudar e alimentar aquela família, mas as posses eram poucas e sem recursos, dava o que podia para os seus filhos e mandava fechar a porta quando chegavam as crianças do compadre com o menorzinho deles chorando de fome. Perguntava o que queriam nunca se sabe se por inocência ou maldade, porque as crianças viam que eles já tinham comido pelos restos de farinha que viam pelo chão. E ante a resposta sabida que era fome, ele dizia que não tinha nada e que fossem pedir dos outros vizinhos. E escondeu até




uma cesta de alimentos que a Sra. Granjeiro de família tradicional da cidade, cliente assídua do açai e do tucumã do Caranaí, havia mandado para as crianças. Fato que descobriram muito tempo depois, e obedientes e unidos como eram iam de casa em casa até conseguir um filho de Deus que dividisse seu parco alimento com eles. E o choro aumentava porque era uma colherada para o menorzinho e cinco para os outros irmãos maiores, de fome maior também. Descobriram até que a comida da velha Doquinha, que ficava sozinha, e a filha deixava pronta antes de ir para a roça com o marido, era o mesmo tanto que comia o irmão caçula quando a mãe estava em casa e podia fazer a comida para eles.

Quando Caranaí internado há três dias no hospital se recuperava da cirurgia sem poder mexer a perna, soube que sua Nenzinha estava muito doente e internada também, foi teimoso e levantou querendo ir procurá-la, mas deu apenas dois passos e caiu esvaindo-se em sangue com os pontos arrebentados. Como o novo pronto atendimento, os pontos foram refeitos e ele ficou imobilizado na cama sem poder sair, apenas a cabeça visitava e cuidava dos seus afetos. Ela, sua companheira, ao se sentir recuperada fugiu do hospital e caminhou para casa debaixo do sol quente e abafado da Amazônia pedindo que caísse uma chuva para facilitar sua caminhada ao encontro dos filhos e, pediu com tanto fervor que recebeu o milagre. Chegou casa encharcada segurando um saco plástico que protegia seus comprimidos para o tratamento da malária. Junto aos seus, recobrou as forças, como mãe que sabe ‘o que é não ter e ter que ter para dar’. Colhia castanha do Pará, quebrava o ouriço no machado, ralava e fazia mingau. Arrancava macaxeira, descascava, ralava, prensava e fazia farinha em forno improvisado com forno de lata.


Mas o tempo passava e a necessidade aumentava, o pai ainda internado no hospital. O filho mais velho foi trabalhar numa fazenda de colorau, seu trabalho era pago com a comida que recebia e assim nunca podia ir ver a mãe e os irmãos porque não





tinha nada para levar e ajudar em casa. As três irmãs mais velhas foram para a cidade morar com famílias classe média que prometiam ajuda no alimento da família, assim como roupas e estudo, promessas feitas não para serem cumpridas, mas para convencer na hora de levar a mão de obra mais barata do mercado. Acontece que nas casas das famílias era tanto trabalho e crianças para cuidar que não sobrava tempo nem para dormir, imagina para sonhar em estudar. E descobriam na vida real e na prática do trabalho diário que a cultura de cada família era diferente e que os valores de amor e proteção só valem enquanto estão com seus pais e que depois que saem de casa, voltar é cada vez mais difícil e que a resposta para o “bênção pai e bênção mãe” acalentam seus corações e fazem um carinho nas noites longe de casa e longas de saudade: ‘Que Deus te abençoe e te cubra de saúde, fortuna e felicidade, minha filha!’

Quando Caranaí voltou, ainda usando uma muleta para auxiliar a caminhada, encontrou a casa mais vazia, continuou o trabalho e luta pela sobrevivência com a mesma paciência que tinha para mastigar até a água antes de engolir. Não perdeu a fé em Deus nem nas pessoas, porque ele era um nordestino de bom coração que veio para a Amazônia atrás do ouro branco da seringueira e descobriu na força do sernambi que seus tesouros da terra cabiam num saco de encauchado, mas os bens do coração eram maiores e não se pode contar. Por isso um sorriso aberto e franco era certo, ao puxar um banco para receber e conversar com os passantes que apareciam por lá, enquanto o leite da seringa na fumaça do caucho ganhava resistência, Caranaí homem forte, desde que veio para o norte sabia que enquanto se tem vida é preciso resistir!



VITÓRIA A DONA BOLA

Francisca Lusía

Aconteceu na capital. Porto Velho. Estado de Rondônia. Onde tem o belíssimo rio Madeira, algo impressionante. A Ferrovia Madeira-Mamoré. A banda do vai quem quer. A bailarina da praça. Árvores centenárias. O mercado Cultural. O mercadinho do km um. O mercado Central. As três caixas d'água. O grupo Raízes. Zezinho Maranhão. Pirarucu. Tambaqui. A São Tiago Maior no Setor Leste de Porto Velho. Coletivo de Mulheres do Setor Leste de Porto Velho. O canta mulher. Muitas outras coisas interessantes e já ia me esquecendo...Aqui tem o pôr do sol mais lindo do mundo. Tem certo aconchego no ar. É muito deslumbrante! É lindo demais! É uma maravilha! Todavia, para completar todo esse cenário, junto da pracinha no bairro Panair, ao lado do gramado com os aparelhos. Uma quadra bem alta com duas traves, com piso queimado, onde adultos e ou crianças ficam a jogar.

De repente, comecei a observar. Três crianças ali chegaram. Dois meninos e uma menina. Ela cabelos pretos compridos, pele branca tinha mais ou menos uns seis anos, e o irmão um menino magrinho, branquinho, outro menino tinha cabelos encaracolados e imensos, com muitos cachos e a pele mais escura, um menino muito bonito e calmo, esses meninos com cara de inteligente, tinha mais ou menos uns sete anos. O outro era um bem fortinho com cabelos bem curtinhos, muito curtinho mesmo, parece que passaram a máquina no zero.

Logo começaram a conversar:

-Vamos jogar?Ela não sabe jogar. Ela logo respondeu:

- Eu quero jogar. E então, eles no olhar logo, se entenderam.

A regra eles mudaram. Começam a chutar só em uma trave. Falei por que não deixam jogar? E um deles respondeu: Ela não sabe. Então perguntei. -Você sabe que a jogadora Marta é a melhor do mundo? E começou assim, jogando com os meninos. De nada

adiantou minha interferência. Ele logo argumentou: - A bola não é minha. E, então, com as novas regras eles começaram a jogar, mas ela persistia. Porém, cada vez que ela se mexia e tentava bater na bola. Alguma coisa eles gritavam ou faziam: - Ela é fraca, não sabe jogar, não sabe as técnicas.

E ela persevera. Em um vacilo deles ela mandou o chute e fez um gol. Eles nem deram importância. Não comemoraram. Como faziam quando eram os meninos que marcavam. E ela corria para lá, corria para cá e nada de na bola tocar de novo. Se a bola ia para longe e ela corria para pegar, eles iam lá atrás dela e pegavam a bola. Combinaram vamos jogar para o alto. E ao jogar para o alto os meninos se fechavam entre eles, rápido pegavam na bola e chutavam.

Eu de novo interfeiri: -Deixem ela jogar. E o próprio irmão respondeu: -Mas tem que driblar, tem a técnica e eu ensino, mas ela não aprende. E eu então falei, mas é errando que ela irá aprender. Você sabe e erra. Vocês batem mais na bola. E a ela, vocês nem deixam tocar na bola. Ensine-a, assim irá aprender, mas claro que ela também vai errar assim como vocês. Até os famosos e famosos erram.

No entanto, o boicote continuou. Continuei observando. Fiquei pensando, por que eles não deixavam ela jogar? qual o medo eles têm? Será que mesmo sem perceberem tinham pavor em descobrir que ela é melhor que eles? Pois a Marta é a única a ter seis bolas de ouro. Já imaginou é a melhor do mundo. Mesmo as mulheres sendo proibidas de jogar quarenta anos. A Marta conseguiu depois de muita discriminação e até hoje ela enfrenta preconceitos, pois o valor que recebe em relação a outros jogadores que nem bola de ouro tem, ou tem bem menos que ela, é um grande disparate.

De repente me peguei a pensar: Não nascemos machistas e sim vamos sendo bombardeados/as todos os dias com informações inverídicas. Era só um pequeno jogo de futebol com os amigos.

Deveria ser apenas uma brincadeira, se torna um ensinamento de como ser inferior um segundo ser. Ao sair dos meus pensamentos. Voltei a observar.

A menina prosseguia firme e de repente, ela roubou a bola, chutou e rápido fez o gol e eu esperei a comemoração, mas, em vez disso eles gritaram:

-Até para ela você está perdendo e caíram na gargalhada. Foi muita achincalhão, fizeram tantas galhofadas. Nem o gol foi comemorado.

Um deles chutou a bola bem forte que foi para do outro lado do muro. E então gritou: -vai buscar. Ela prontamente respondeu: -Eu não, vocês não me deixam jogar. Manteve a palavra. Não foi. E eles enrolaram, até que um resolveu ir. Ao retornar ficaram no meio da quadra sentada. E ela? Sentada ao lado deles permaneceu. E então, eu saí do aparelho e perguntei: - Menina, qual o seu nome? E ela responde: - VITÓRIA.

E então, eu saí dali pensando...

Mesmo a Marta sendo a melhor jogadora do mundo. Até hoje as pessoas agem como se só os homens gostassem de jogar bola e ainda como se todos os homens gostassem de futebol. Têm meninas e meninos que não gostam e tudo bem. Na sociedade em geral há desvalorização do futebol feminino, é como se fosse algo menor...Por outro lado, o bom de tudo isso é que a Vitória continuou e eu então decidi a menina Vitória dar-lhe uma bola.

Vamos ver o que vai acontecer se a dona da bola for a VITÓRIA?

Passados alguns meses. Lá estava Vitória de chuteira, meião, cabelos amarrados, um *short* e uma camisa do time dela preferido. O melhor do Brasil. Aí então chegaram os meninos, inclusive seu irmão. A menina Vitória então perguntou:

-Vocês querem jogar?

E você vai jogar com quem? Ela respondeu com vocês. E o engraçadinho do seu irmão falou:

- Ela não sabe jogar... A menina vitória falou:

- Eu sei as técnicas, sei driblar e tenho a bola.


A última vez que tentei jogar com vocês não me deixaram jogar. Fiquei triste e zangada ao mesmo tempo. Então, busquei ajuda com minha tia Socorro, uma mulher baixinha, dos cabelos lisos e pretos, descendente de indígenas, lá do Maranhão, lembrei que ela me contou que sua bisavó foi aprisionada e de sua tribo foi arrancada, muito ela lutou, mas nada adiantou, outro nome lhe deram, teve que por força de muita violência, socos e pontapés, esquecer sua língua, seu modo de vida, foi-lhe feito muitas atrocidades, não tiveram nenhuma consideração, roubaram o ouro, os conhecimentos de seus ancestrais, pois eram os povos indígenas os únicos habitantes da floresta quando nem Brasil se chamava. Ela também me disse que mulheres e meninas ao redor do mundo dedicam 12,5 bilhões de horas, todos os dias ao trabalho de cuidado não remunerado- uma contribuição de pelo menos US\$10,8 trilhões por ano a economia global e que jamais deixaria de ter solidariedade comigo.

Ela também me contou que um dia estava jogando em um campeonato e quando a bola veio, ela matou no peito e mandou o chute, a galera toda gritou, mas o gol não saiu, mesmo assim todos a aplaudiram de pé.

Certo dia, na Escola São Luiz que fica também em Porto Velho - Rondônia ela era professora de um grupo que ficou com ela três anos. Inventaram um campeonato daqueles que tem juiz ladrão, menino que bate de montão e claro, os jogadores e jogadoras revelação.

Em um momento jogavam os meninos e no outro as meninas. Mas as meninas nunca tinham jogado, não sabiam se distribuir no campo, não sabiam fazer marcação, batiam fraco na bola, os meninos começaram a rir delas.

-Vocês topam um desafio? Ela falou para os meninos. E então a minha tia falou:- Cada um de vocês vai ficar responsável




por uma das meninas e vai orientar o máximo possível, é como se você fosse o técnico. Tudo certo e a professora ficou como a técnica geral. As arquibancadas estavam lotadas era na quadra da Igreja São Tiago Maior e a galera animada. Já tinham vaiado as meninas, mas elas não desistiam. E aí então as meninas começaram a receber o apoio dos meninos, de repente, a Cristina que era a goleira começou a perder o medo da bola e a se posicionar no lugar certo parece que as pancadas da bola já não doíam tanto e a ela começou a não deixar mais a bola passar, como um milagre a galera começou a torcer pela Cristina e as outras jogadoras: a Paula, Danniele, Thaiane, Ana Paula, Andreza, Gessilaine, Josiquele, Juliana, Naiara, Pâmela, Regiane, Sheila, Taija, Welida, Joanae os Técnicos: Uéslei, Ueliton, Tales, Saymon, Robson, Oziel, Maicon, Jonatan, Joás, Jefferson, Izaú, Huillas, Francisco, Fernando, Felipe, Fábio, Douglas, Darllen, Caio e Alexandre. Assim juntos foi muito bom, elas foram ganhando confiança na quadra e tiravam bolas incríveis, chutavam e faziam coisas impensáveis com a bola.

A arquibancada em peso já estava de pé e gritando junto com as meninas e foi um jogo atrás do outro as meninas só venciam, já estavam cansadas, mas, não paravam, tiraram energia de um lugar que nem sabiam que tinham.

E assim, aprendi muito com minha tia, agora formei o meu time.

Assim, que terminou de contar, a Vitória falou: - a bola é minha e se vocês quiserem jogar eu deixo. Mas se toparem jogar contra o meu time a Professora é que vai ser a juíza e como ela não é como certos juízes ladrões que mudam as regras no meio do jogo e olhou para o irmão.

Então, vocês é que sabem, topam jogar contra o meu time que quero lhes apresentar: Esta é a Formiguinha, a Martinha pés de ouro, a Paula... E assim... foi apresentada todas, eram loiras,



ruivas, encaracoladas e uma indígena que parecia com minha tia, cabelos bem pretinhos e longos.

Alguns anos se passaram e durante todo esse tempo esses meninos tentaram ganhar do time da Vitória que permanece invicto. Às vezes elas até deixam outros vencerem, mas esses meninos não, nunca deixaram, às vezes, eles começam vencendo e logo ficam empolgados, mas elas correm atrás do prejuízo e acabam vencendo, assim, no último milésimo de segundos e vai um gol decisivo.

E assim, o time da Vitória nunca mais foi esquecido, todas e todos que chegam naquela pracinha encontram no muro, com muitas fotos a história da menina Vitória que passou a ser a DONA DA BOLA.

TUPÃ, O HERÓI DA FLORESTA


Henrique Galvão

Por volta do início do século XX, período esse da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, instalaram-se diversos acampamentos no percurso da construção da ferrovia, com o objetivo de abrigar os trabalhadores. Esse era um momento de progresso da região norte do Brasil que se deu por meio da exploração da borracha/látex extraído da seringueira, uma planta típica/nativa da região amazônica.

Desse progresso, não somente o látex era explorado, mas também a madeira, animais silvestres e minérios, além é claro da exploração humana. Os animais exóticos eram muito apreciados pelos europeus e desde o "descobrimento do Brasil" existe o tráfico desses animais como, araras, papagaios, periquitos, tracajás, jabotas, gatos do mato, serpentes, jacarés, onças pitadas, aranhas e uma vasta gama de espécies exóticas que são utilizadas desde a criação doméstica ao mercado da moda.

Essa é uma prática antiga que veio se estabelecendo e ganhando força com o passar dos séculos, inclusive, viajantes estrangeiros eram pagos para transportar espécies animais e vegetais para países como França, Portugal, Inglaterra e outros. Esse último país citado foi o responsável pela falência do ciclo da borracha no Brasil, quando um viajante inglês “levou” uma muda da seringueira, conhecida cientificamente como (*HEVEA BRASILIENSIS*) enviada para Inglaterra, estudada por botânicos e plantada no continente asiático, em colônias inglesas de florestas de climas tropicais, uma vez que essa espécie nativa só desenvolve no clima tropical.

Era o mês de Julho, período de estiagem e muito calor, também conhecido como verão amazônico, sendo que na região amazônica só existem duas estações, inverno amazônico, período de muita chuva e verão amazônico, de muito calor. É justamente



nessa época que acontece com grande incidência as queimadas e a derrubada de árvores. Nesse momento a Estrada de ferro Madeira-Mamoré estava a todo vapor em sua última fase de construção, após várias tentativas frustradas, era também a fundação do município de Porto Velho, que ocorreu pela empresa americana Railway company, que se deu em 04 de julho de 1907. E tudo começou quando um grupo de acampantes, trabalhadores da Ferrovia, estava fazendo derrubadas de árvores para montar um acampamento e abrir espaço para a montagem dos trilhos. Com a derrubada dessas árvores, desabrigaram diversas espécies de animais e insetos, justamente em uma dessas árvores, mais especificamente uma palmeira, espécie produtora do tucumã, fruto nativo, havia um ninho de arara-vermelha, no ninho encontravam-se dois filhotes, um morreu com a queda e o outro conseguiu sobreviver. Neste mesmo dia um pequeno grupo de índios da tribo CARIPUNA passou pelo local e fez o resgate da pequena arara. Ao chegar à aldeia, uma pequena Índia de nome Yracynira, ficou encantada com o filhote de arara-vermelha, sendo que ela era uma cuidadora e protetora de diversos animais. Yracynira era uma índia guerreira que se aventurava nos rios e nas florestas e sempre voltava para a aldeia com animais vítimas da ação do homem.

Foi amor à primeira vista, mas não algo comum, e sim uma relação especial e forte que se estabeleceu entre Yracynira e a pequena ave que ganhou o nome de Tupã, nome de um deus tupi guarani, cujo significado é "O espírito do Trovão".

Com o passar do tempo a ave foi querida pela aldeia, muito inteligente aprendeu a pronunciar algumas palavras em tupi guarani e fazer gestos e sinais de comunicação, nos rituais indígenas, tupã não se continha em dançar e até mesmo cantar, reproduzindo alguns sons entoados pelos nativos.

A alegria de Tupã era sair pela floresta com Yracynira, Tupã tinha maior medo de água, mesmo assim entrava na canoa e descia rio abaixo com a sua parceira de aventura. Tupã era livre,

assim como os demais animais, pois logo que se recuperavam dos ferimentos eram devolvidos à floresta, geralmente as aves ficavam na aldeia, já os macacos, espertos e danados ganhavam o rumo da floresta. Tupã era aventureira e todos os dias ao amanhecer ela saía para comer sua fruta predileta, o tucumã, mas logo em seguida voltava para os seios de sua tão querida e adorada Yracynira.

Um belo dia Tupã saiu para comer seus tucumãs como de costume, entretanto não voltou mais para casa, pois havia na floresta um grupo de caçadores que estavam capturando animais para compradores estrangeiros. Na floresta encontravam-se centenas de armadilhas, apesar de muito esperta, Tupã caiu em uma delas e foi levada para um acampamento e posto em cativeiro.

Na aldeia Yracynira adoeceu de tristeza, já não sabia mais onde procurar e voz não tinha mais para chamar por sua grande amiga a tão querida Tupã. Passaram-se exatamente quatro dias e sem esperança, muito triste Yracynira sentiu um vento frio passando e junto a voz de Tupã, que todas as manhãs pronunciava o nome de sua querida amiga, então, mesmo que somente ela ouvira a voz de Tupã, pegou seu arco e flecha, colocou nas costas seu pequeno paneiro e caiu na floresta, na esperança de encontrar Tupã.

Enquanto Yracynira estava à sua procura, surgiu uma oportunidade de fuga, Tupã estava muito triste e praticamente não se alimentava. Observando que o animal encontrava-se debilitado, um dos caçadores resolveu colocar tupã junto com outras araras, pois Tupã chegou muito irritado e acharam melhor deixá-lo separado. Durante a troca de gaiola, Tupã conseguiu dar uma bicada nos olhos do caçador, foi o momento de um voo de liberdade, Tupã abriu as asas e começou a voar para o horizonte, para a liberdade, para felicidade, para Yracynira.

Após muito procurar por tupã, Yracynira, exausta, sentou-se ao solo, apoiando-se em um tronco de uma castanheira, começou a chorar, pois sentia que não encontraria mais Tupã.


Quase adormecida de tanto chorar, ouviu a voz de Tupã e imaginou que era um sonho, essa voz cada vez se aproximava, foi quando ela levantou a voz e começou a gritar o nome de Tupã, aos poucos a voz ia se aproximando, até que Yracynira conseguiu ver Tupã voando rapidamente em sua direção. Muito emocionada, ergueu o braço e Tupã pousou, foi o pouso da alegria, do amor, do verdadeiro amor de uma singela ave por sua tão querida amiga, Tupã ficou tão feliz que era possível ver lágrimas de emoção escorrendo de seus pequenos e redondos olhos.

Muito feliz Yracynira seguiu rumo ao destino da aldeia, contudo, Tupã não queria ir, então a jovem índia deixou Tupã tomar a frente e percorreu seguindo o seu amigo, entre uma pausa e outra se alimentavam, Tupã comia frutas nativas como castanha, tucumã, pupunha e Yracynira, além das frutas comia peixe moqueado com beiju, alimentos que carregava em seu panelo.

Após uma longa caminhada, chegaram ao cativeiro, no local encontravam-se três caçadores de posse de rifles. Yracynira e Tupã permaneceram escondidas atrás de arbustos, não demorou muito e os caçadores saíram para recolher animais que caíam nas arapucas, não obstante ficou um caçador para vigiar o cativeiro. Em um momento de distração, o caçador dormiu e Yracynira começou a libertar os animais.


Com o barulho dos animais que foram libertados, o caçador acordou, a índia muito valente conseguiu correr e fugir, mas seu destino era triste naquele dia, pois caiu em uma armadilha e foi capturada pelo caçador. Yracynira muito esperta e valente fez sinal para Tupã buscar ajuda e jogou para ela um colar que ganhou do Pajé, logo que nasceu.

Tupã muito rapidamente recolheu o colar que Yracynira jogou no chão e voou em direção à aldeia, muito cansada Tupã fazia



algumas pausas para recuperar o fôlego, após algum tempo voando ela chega à aldeia e gritou o nome de Yracynira, entrega o colar ao irmão da jovem índia, sabendo que sua irmã estava em perigo, ele os índios da aldeia pegaram suas lanças, arcos e flechas e seguiram floresta adentro. Já era quase noite e Yracynira estava muito mal, pois apanhou e foi violentada pelos caçadores. Quando os índios da tribo chegaram ao acampamento/cativeiro, já era tarde, Yracynira já estava morta, pois não resistira a tamanha maldade e violência, essa que desde 1500 era imposta pelo homem branco ao indígena nativo da terra. Os seus parentes e amigos não sabiam da morte de Yracynira, mas Tupã viu quando o espírito de Yracynira passou ao seu lado, sempre sorridente deu um adeus a Tupã, que muito agitado gritava por sua tão amada amiga, Tupã saiu voando atrás de sua amiga que continuava sorrindo e acenando para ele. “Enquanto isso os indígenas invadiram o acampamento e libertaram todos os animais, os caçadores entraram em uma conflituosa luta contra os índios Caripunas, os cruéis e inescrupulosos homens “BRANCOS” sabendo que não conseguiriam vencer, pois os seus oponentes eram numerosos, conseguiram fugir, mesmo feridos das flechas, eles escaparam”.

Ficaram o vazio e a saudade, pois Yracynira sacrificou a sua vida para salvar os animais. É exatamente isso que sempre aconteceu os indígenas, chamados de bárbaros e incivilizados foram vencidos pela ganância e a opressão do europeu. Ficou a saudade de uma jovem adolescente índia, que sonhava em proteger a sua terra, a sua floresta, seus animais, suas plantas, seus rios, sua cultura, sua dignidade, suas vidas. Quanto a Tupã, essa foi a verdadeira heroína, que usou o seu instinto e salvou milhares de animais que viviam naquele cativeiro, foi em um voo de liberdade que Tupã conseguiu assegurar a libertação de milhares de animais da floresta, pois por um bom tempo não se via caçadores naquelas redondezas.



Após ver o espírito de Yracynira, Tupã adentrou a floresta, seguindo o espírito da sua tão amada amiga. Após isso, Tupã nunca mais foi visto.

Indígenas contam que em vidas passadas Tupã e Yracynira foram guerreiras de tribos rivais e viveram um amor proibido, sabendo que era impossível ficaram juntos, Yracynira e Tupã se jogaram dentro de uma cachoeira e morreram afogados, unidos pelo amor tão verdadeiro e sublime.

Relatam também que o jovem casal foi escolhido para vir a esse mundo com a missão de salvar os animais e proteger a sua floresta, mas que devido a uma maldição de seus ancestrais, Tupã jamais assumiria a forma humana.

Houve relatos de que até hoje, Tupã e Yracynira perseguem os caçadores na floresta, libertam os animais presos nas arapucas e quando há incêndios na floresta, o tempo fecha e começa a chover para apagar o fogo que destrói a biodiversidade, pois o espírito de Yracynira evoca a Tupã, o espírito do trovão.

Esse conto é uma homenagem aos milhares de Tupãs e Yracyniras que entregaram suas vidas para proteger as florestas.

Nunca foi por ganância;
Nunca foi por ambição;
foi por amor;
foi por missão;
que o índio se sacrificou.
É ele, o eterno guardião;
protetor dos rios, das matas e de tudo que aqui há.
Foi por amor que o índio guerreiro se sacrificou.
Tupã, o herói da floresta.

REFLEXO DA IDENTIDADE

Izabel de Brito Silva

Beijão papis, estou indo pra escola. Vai com a proteção de Monãg, diz o pai, que chacoalha a cabeça com uma expressão entre perplexo e risonho com a nova forma de ser chamado pela filha.

- Vou é com a proteção solar que as meninas me indicaram: veja como o meu rosto está mais claro e rosado, diz Pietra.

Mais uma vez o pai chacoalha a cabeça, aliás, é só o que ele tem feito desde que sua cunhatã começou com esses modismos. De vez em quando pergunta para si mesmo: Esta é minha Estrelinha ou uma personagem fictícia?

Com Tainá nos ombros, descia cautelosamente o barranco para mergulhar no lago na tarde quente de agosto. Era o mês do ano de que mais gostava, apesar de todos em sua aldeia demonstrarem preocupação com este período do ano por causa das iminentes ameaças de queimadas ao redor de suas casas. Eram tardes quentes, mas ventiladas, a água do lago costumamente calma, agora balançava em ondas pequenas e adquiria uma característica de encantamento e o convidava a fluir em sua imaginação: quando era criança ouvia estórias de serpentes encantadas que viviam no lago, serpentes boas.

-Quando Tainá crescer mais um pouco vou contar - lhe as lendas de nosso povo, a lenda da serpente. O pai olha para o relógio do celular e se assusta ao perceber como o tempo havia passado:

- Vou usar o silêncio até o retorno de Pietra da aula para adiantar minha pesquisa de antropologia sobre os povos indígenas do Amazonas, fala para si mesmo. Quando Pietra entra em casa o silêncio sai sem pedir licença: entra estabanada, cada dia traz

uma novidade da escola, algo que aprendeu, mas não nas aulas de química ou geografia, mas sim com Pati e Lú.

-Pai acredita que hoje eu aprendi a colocar status no meu perfil do aplicativo de mensagens instantâneas? Se eu pelo menos tivesse um celular, diz a garota ligando a TV no volume quarenta, porque enquanto prepara o sanduba com muito queijo e embutido, (embora o pai insista para que ela prepare uma tapioca) ela quer ouvir a nova música que a banda da novela adolescente que acompanha irá tocar.

A criançada da aldeia toda sentada em volta da fogueira e o avô de Tainá no centro se preparava para contar – lhes mais uma estória, mais uma lenda: as estórias que a cunhatã mais gostava era as de fantasmas: o local e a pituna formavam o cenário perfeito para embalar a curiosidade e a imaginação de Tainá. O avô não só contava, mas também gesticulava, fazia expressões para tentar imitar os fantasmas, os outros curumins se arredavam assustados, mas Tainá se aproximava cada vez mais do contador de estórias, fechava os olhos e se transportava para dentro do enredo, era então a índia valente que iria enfrentar os fantasmas e salvar a aldeia. Pietra desliga a televisão e percebe que sequer prestou atenção na novela, comera o lanche sem sentir o sabor, chacoalhou a cabeça como para espantar a lembrança, levantou - se e se refugiou em seu quarto.

Da sala o pai ouve os toques frenéticos e rápidos dos dedos de Pietra no teclado do computador, bate na porta e pergunta à filha qual é o propósito dela: quebrar as teclas do computador ou adquirir artrite nos dedos. Pietra grita que se o pai não restringisse o uso da internet ela não precisaria passar o tempo digitando textos aleatórios no computador.

- Mas minha filha já te expliquei que o uso exagerado da internet não vai lhe trazer benefícios, você pode utilizar seu tempo para estudar, pesquisar, aprender a fazer artesanatos, argumenta o pai sem nenhum sucesso.

- Todas as minhas amigas possuem celulares, redes sociais, os pais delas não as aprisionam, sinto-me como um tucano preso em uma gaiola pequena, não é o senhor que sempre diz que os pássaros devem viver livres? Contra- ataca a menina, tentando mostrar ao pai que seu argumento é o mais forte.

-Você mais parece com uma arara- canga, isso sim, diz o pai bem – humorado, demonstrando que ainda está no controle.

Enquanto prepara a janta, o pai aproveita que a televisão está desligada e que a filha saíra do quarto e desligara o computador e ousa contar- lhe uma das tradições do povo Maraguá:

- Minha “Botinha”, sabe que hoje quando fui à sua escola para assinar a autorização para o seu passeio no rio Madeira vi um grupo de meninos que pareciam ter em torno de onze ou doze anos de brincos e com cortes de cabelos exóticos, lembrei – me dos meninos da aldeia do meu rei-pai. Enquanto o pai tentava detalhar, Pietra parecia incrivelmente ouvir atentamente o relato do pai.

- Será que aqueles meninos estão sendo provados em um rito de passagem? Com quantos anos esses meninos são capazes de enfrentarem sozinhos os desafios da vida? Lá na beira do rio Abacaxis os meninos quando completam dez anos passam por três provações para testarem sua aptidão para a vida: A primeira é...

Fala sério, pai, interrompe a garota como se voltasse à tona de um mergulho em seu interior.

- Já sei toda essa estória, poderia escrevê-las de olhos fechados. O pai se assusta com o rompante de Pietra, logo agora que ele teve a súbita esperança de que a filha lhe ouvisse, se interessasse pelas tradições do povo Maraguá.

- Beijão, papis, vou correndo, senão a tia do corredor não me deixa assistir a primeira aula, fala esbaforida Pietra.

- Agora isso se tornou rotina, Estrelinha? E esse papis? Reclama o pai entre decepcionado e zangado.

- A tua benção, Tuxawua - geral, a tua cunhatã precisa chegar a tempo na escola para a lição de anhatatú, diz Pietra séria e corada. O pai arregala os olhos e tenta recuperar o fôlego com a atitude de Pietra, enquanto ela bate o cadeado do portão.

Os lábios ficavam corados e lhes davam um aspecto saudável e nutrida quando passava urucum. Costumava ficar mirando sua imagem na água do pequeno igarapé no fundo de sua casa toda vez que se pintava: pensava consigo: pareço uma guerreira, a guerreira das histórias que o vô me conta. Ainda bem que esse batom mate quase roxo que a Lú me deu de presente nada parece com urucum, falou Pietra em voz alta, chamando a atenção de um grupo de pessoas que passavam na calçada ao seu lado.

“Hoje os garotos da escola vão perceber que minha pele está bem mais branca, porque evito no máximo tomar sol e me besunto de protetor solar e meus olhos menos fechados com os exercícios que estou fazendo copiados da net”, segue a caminho da escola, pensando. Pietra saiu de casa há poucos minutos antes de tocar o sinal, seguindo às orientações das “migas” Lú e Pati:

- “Miga”, entra na sala quando todos já estiverem entrado, assim os “boys” vão te notar, disse Lú. Logo no início da aula a professora de geografia fala sobre povos primitivos, diz que os povos indígenas estão perdendo seus terrenos, estão tendo suas culturas usurpadas e involuntariamente sofrendo processo de branqueamento. Pietra demonstra visível aborrecimento e solicita da professora licença para se retirar:

_ “Fessorinha” linda, posso ir ao banheiro? Acabamos de iniciar a aula, aluna, mantenha atenção às explicações sobre este assunto, que não é somente conteúdo da disciplina, mas também conteúdo para a vida, fala energicamente a professora.

Arrumou o cocar e conferiu as pinturas, que pena que suas roupas já não eram mais iguais as de seus primitivos! Correu até o fundo da casa para mirar – se no lago e conferir sua imagem. Viu-se e ficou terrivelmente feliz, apesar de estar acompanhando os

pais até à cidade grande em busca de tratamento para a terrível doença que levou a sua mãe à morte. Ao chegar às margens do Abacaxis se enfureceu ao ver que algumas cunhatãs estavam vestidas de “brancas”, usavam batons e brincos, que definitivamente não eram de penas de pássaros e nem de sementes. Com trejeitos esnobes, olharam para Tainá.

Faz cinco anos que houve uma das maiores invasão e chacina de uma comunidade indígena, voltou Pietra a sí, quando a professora proferia essas palavras.

Esta noite Pietra teclava com mais força, até mesmo parecia estar frenética. Sentado na varanda da frente o pai ouvia o ruído do teclado e tomou – se de uma grande preocupação:

- O que faz minha Botinha teclar com essa força toda? Será que são os lanches gordurosos e os refrigerantes que a está deixando assim? Hoje ela me pareceu mais distante, mais irritada. Essas interrogações o pai fez para si sem respostas. Quanto mais teclava, mais o som do teclado se misturava a outros sons na memória de Pietra. Em alguns momentos pareceu-lhe ouvir uma sinfonia de pássaros e balancear de folhas de árvores.

Os domingos ganhavam tom vermelho – roxo e sabor de açaí com tucumã para Tainá. Esse era o dia que ela podia caminhar livremente pela aldeia, pois sua mãe a liberava dos afazeres domésticos. De pés no chão, sentia a energia da terra penetrar em seu corpo. Cada canto de pássaro, cada farfalhar das folhas das árvores para ela soava como magia. Atiçava – lhe o imaginário: um pássaro piscou os olhos para ela e depois, com a pontinha de uma asa a chamou para segui-lo, como correu naquele domingo! Corria, corria e o pássaro parecia rir porque ela não conseguia nunca pegá-lo. Mais adiante o pequeno igarapé refletia a imagem de uma estrelinha. A cunhatã não se deteve, entrou na água meio turva e fresca na manhã de domingo e não viu o tempo passar brincando de pega- pega com a estrelinha. Guarasy já escondia sua carinha quando Tainá voltava para casa de seus passeios domingueiros.

Pietra surge repentinamente na sala em frente ao pai com uma maquiagem pesada, olhos fortemente maquiados de preto, estilo “gatinho”, batom de uma cor tão forte, que mal dava para distinguir a cor. Vestia uma blusa estampada ombro a ombro e calça jeans justíssima que dava para demonstrar as primeiras curvas de sua puberdade. Nos cabelos, pequenas mechas de cor violeta e vermelha. O pai a olha entre atônito e triste com toda essa descaracterização:

- Onde foi que você encontrou todas essa indumentária, Estrelinha?

-Emprestei da Pati para irmos ao shopping, disse a adolescente esforçando-se para demonstrar naturalidade. Mas minha Botinha, desse jeito você está parecendo uma dessas adolescentes desses filmes americanos que você insiste em ver. O que você quer que eu vista? Tanga e cocar? Resmungou Pietra fazendo uma expressão que mais parecia um dos emojis que ela tanto gostava de olhar nos celulares das amigas.

A calma do domingo penetrou em Pietra, que milagrosamente estava sentada na varanda ao lado do pai vendo os poucos carros que passavam na rua.

-Sabe, Botinho, o povo Maraguá é chamado povo das águas. A água para eles têm uma forte representação, as crianças aprendem a nadar cedo, parecem verdadeiros botinhos. É das águas que tiram parte de seus alimentos. Como também as estrelas... ousa continuar o pai, quando Pietra em um rompante lhe avisa;

- já deixo logo avisado que domingo que vem vou para o clube com a família da Lú e nadar na piscina de ondas, pelo menos lá não tem poraquê, esnoba.

A escola de Pietra está um burburinho, alunos correm de um lado para o outro para deixar tudo organizado para as apresentações: cada turma ficou responsável por apresentar uma cultura, um acontecimento de relevância. Enquanto os pais

procuram seus lugares e assinam a presença, o pai de Pietra aguarda a sua vez sob os olhos da filha:

- Boa tarde, professora, sou o pai da... Pietra, interveio a menina rapidamente, ofegante e esbaforida. Chama o pai rapidamente sem lhe dar tempo de raciocinar sobre o ocorrido:

- Este é seu lugar, papis!

As cortinas do palco do auditório se abrem e a cada apresentação o público formado por pais fica mais orgulhoso de seus rebentos. Uma pausa nas apresentações para tomar fôlego, no retorno as cortinas levantam, surge uma índia em todo o seu esplendor: de tanga e cocar, rosto pintado, desenhos e penas nos braços e nas pernas, cabelos lisos e negros como a graúna. Os olhos dos espectadores brilham, mas os olhos de um espectador em especial marejam, um espectador mais atento poderia enxergar dentro deles o reflexo do grande rio Abacaxis e da densa floresta de Nova Olinda.

- Me chamo Tainá Wassary, sou da tribo Maraguá, clã Waiperia. Disse em um único fôlego.

Durante meses Pietra trabalhou misteriosamente em seu projeto. Reclusa em seu quarto registrava a memória de seu povo no computador. Registrava a sua memória, que a insistência da vida da quase metrópole onde morava há quase cinco anos insistia em apagar.

- Este sentado na terceira cadeira da segunda fila é YaguaréWassary, herdeiro do tuxawa- geral da aldeia em Olinda do norte. Este índio é o meu pai, falou com a voz embargada, Tainá.

Após a morte da mãe, Yaguaré decidiu morar na capital com Tainá. Antropólogo de formação almejava que a sua Botinha também pudesse conhecer outras culturas, sem, no entanto, repudiar a sua. Via dia a dia sua pequena Estrelinha em processo de antropofagia: chegou a temer que a filha negasse para sempre sua origem.

- Somos o povo das águas. Somos descendentes das estrelas.
Onde passamos regamos e iluminamos o caminho, concluiu a
apresentação, Pietra.



ATAHUALPA: O GRANDE CHEFE INCA QUE CAIU NO JUGO DO OPRESSOR

Ítalo Moura

No ano de 1524, a nau espanhola se encontrava em uma espessa faixa de areia que se estendia na província de Cajamarca, no Peru. Os moradores daquela distante região nos fizeram contato amistosos e eram de uma passividade jamais vista.

Aquele povo de Coaque tinha encontrado algumas esmeraldas, muito boas, por sinal... mas que se quebravam facilmente, pois havia umas tão finas que acreditavam que como os diamantes não quebraria fácil com uma martelada, ao passo que muitas se perderam desse valor e tiveram seu valor reduzido a nada.

Eu me chamo Monsenhor Federico González Suárez, fiquei sabendo de tais acontecidos em Cajamarca, sou reprodutor de tal horror e vou partilhar com vocês a história trágica dessa expedição, sinto que é a minha obrigação enquanto testemunha de tamanha bárbarie.

A verdade, era que naquele tempo havia uma grande suspeita contra os indígenas que acompanhava veementemente os espanhóis, embora fosse uma desconfiança insustentada, pois eles sempre se mantinham cordiais, nosso governador Pizarro nutria a ideia de que eles estariam sempre preparando armadilhas ou partilhando de um plano mirabolante para os matar, esse sentimento ambíguo que dividia espaço com a acolhida nobre e generosa ao qual eram submetidos não tinha cabimento, a não ser na cabeça daqueles espanhóis ávidos por sangue.

Quando entraram na ilha de Puná, na desembocadura do Guayas, os índios vieram ao encontro dos espanhóis e os receberam muito bem, mas Pizarro e seus comandantes acreditavam que eles estavam planejando uma matança coletiva contra todos eles. Os caciques e os índios seguiram para o


continente e eles foram logo atrás. Na região de Túmbez, os índios se recolheram, foi ali que Pizarro matou muitos deles, e colocou alguns outros para fugir, ele prosseguiu no percalço destes durante todo o dia, matou, feriu e prendeu. Já chegada à noite recolheu-se com os cristãos em um povoado circunvizinho. Pela manhã, uma quadrilha saiu em busca dos inimigos e também lhes fez mal, eu acompanhava essa cena nos relatos de maneira atônito e aflito por tamanha truculência a que eram submetidos aquelas pobres criaturas e por mais que eu denunciasses o caso, até chegar aos ouvidos da corte era tarde demais, muitas vítimas já havia passado pelo fio da espada de Pizarro.

Assim, Pizarro acreditava que aqueles que foram mortos naquele dia já serviam de exemplo para aqueles que tentassem alguma coisa contra ele, mandou que chamasse o cacique requerendo paz e segurança.

O cacique Chilimasa assegurou-lhe de que assim prosseguiria, libertaram o tal cacique que foi até seu povo com a incumbência de zelar pela integridade física dos opressores, seus súditos jamais impuseram qualquer atentado contra aqueles que lhes desferiam a espada.

Partiram para Cajamarca, a procura de Atahualpa que já adiantado pelos presságios ruins, estava recolhido no Templo do Sol em jejum e meditação. Enviaram-lhe um senhor que partira de Caxas, de onde os invasores estavam abrigados, para esses seres inescrupulosos ofereceram lã da terra, muito formosa e de uma beleza tamanha, com vários desenhos e figuras de ouro. Essa demonstração da mais alta cultura não lhes instiga prestígio algum, muito menos os edificios magníficos, as exuberantes jóias de ouro e prata, estavam ávidos por riquezas, a ganância os cegava, foi lhes retirado qualquer empatia, sobrava-lhes ódio.

Os invasores não demonstravam nenhum tipo de respeito por aquela ancestralidade, muito bem demarcada e definida, não admirava em nada aquela gente, quando encontravam algum metal



já calculavam logo o seu valor em centavo, queriam saber o seu peso e valor, isso era tudo para eles. Atahualpa os convidou para que se chegassem a Cajamarca, saíssem de Caxas onde tinham violado as virgens do Templo do Sol, tal qual uns togloditas que pareciam não ver mulher a séculos, que aquelas mulheres foram duramente violentadas. Partiram por uma serra íngreme e foram até ao encontro de Atahualpa, que era gentil e hospitaleiro, aquelas mentes maldosas não entendiam o porquê de tanta cordialidade, tudo estava ligado a sua dignidade, coisa que aqueles ditos cristãos nunca tiveram em Cajamarca, o mais sinistro dos irmãos Pizarro, Hernando foi até Atahualpa com a incumbência de lhe arrancar uma entrevista imediata. Atahualpa estava à porta de seu aposento, ao seu redor estavam os seus principais assessores, o Inca o recebeu com toda a honra que podia como era de costume. Ofereceu *Chica*¹ em taças de ouro altas e pesadas e acertou a entrevista para o dia seguinte.

Na calada da noite, os espanhóis tramaram a traição, calculada nos mínimos detalhes. Pizarro ordenou que se armasse e mantivesse os cavalos encilhados, repartiu a guarnição em três e não era para ninguém sair da pousada para a praça. Mandou o capitão de artilharia apontar para o campo de Atahualpa e quando lhes fosse conveniente que atirassem.

Nas ruas que davam acesso à cidade ficaram pessoas de tocaia atentas e sem fazer nenhum alarde, para que se caso houvesse alguma cilada preparada por ali, eles estivessem de prontidão. Com o governador ficaram vinte homens e lhes foram atribuída a tarefa de prender Atahualpa. Os outros ficaram na pousada para que quando ouvissem a palavra: “Santiago” saíssem e desferissem seus golpes. Nesse momento a grande praça estava deserta... O chefe Inca se aproximava no seu cortejo real, vinha carregado numa liteira, os seus guerreiros estavam desarmados, como lhes fora prometido. De repente se ouve os gritos, “a eles, a

1 Vinho feito a partir da fermentação do milho.

eles, Santiago” e começou a cena mais sangrenta e truculenta da história, canhões e balisas disparavam implacáveis. As espadas atravessavam aqueles pobres corpos desnudos e indefesos, cabeça, tronco, vísceras e membros rolavam para tudo quanto era canto, o mundo incaico era desfeito em pedaços.

Pizarro tomou de assalto o chefe Inca e desferiu um soco pungente em sua boca e lhe arrancou da liteira, os soldados espanhóis trataram de arrancar seus trajes finos. Se houve alguma gota de sangue derramada, foi pelo lado espanhol, o lado mais sangrento e ávido por tamanha loucura naquele momento.

Atahualpa finalmente entendeu, assim como um dia Montezuma entendera, a demanda daqueles bárbaros era por ouro, e prometeu-lhes que em troca da sua liberdade e de seu povo, encheria a peça daqueles seres selvagens de ouro, materiais lapidados e pedras preciosas. Com o braço erguido, Pizarro demarcou até onde iria o tamanho de sua ganância, queria que enchessem até ali, de todos os cantos do continente chegavam fileiras de índios que carregavam metais e outras peças de valor inestimado, para que se fizesse encher de uma vez por toda aquela embarcação, as chapas de ouro e prata que revestiam os templos foram arrancadas e pouco a pouco trazidas para lá.

Atahualpa nutria a esperança de estar livre, mais cedo ou mais tarde, mal sabia ele que a sua sorte já estava traçada desde o primeiro momento. Depois da conquista daquilo de que fato queriam, Atahualpa foi condenado. Trouxeram um cadeado que prendeu em seu pescoço, arrastado fora até a praça.

Nem todos os espanhóis concordavam com o crime que estava sendo preparado, mas foram coniventes e omissos para com o fato.

Ao proferir a sentença, mandaram que ele se batizasse, caso recusasse, iria ser queimado vivo, a fogueira já estava acesa quando do proferimento da pena, Atahualpa aceitou a sua sina, batizou-se e então foi poupado da fogueira, e seguiu para a força

atada em um pau oco no meio da praça, ali fora deixado em exposição, um troféu para os espanhóis carneiros, mais um episódio triste e desconcertante para o seu povo.

Pizarro ordenou que o tirassem de lá e então os religiosos conduziram-no para a Igreja, ali ia ser enterrado, o pranto e a comoção do seu povo os acompanhavam, os homens que Pizarro havia mandado alguns dias antes para averiguar a informação de que um exército se aproximava para libertar Atahualpa, chegaram com a notícia de que não havia homem algum nos campos, todos que encontraram pelo caminho eram de uma paz e bondade nos tratamentos.

Propagada a morte de Atahualpa e tendo Pizarro partido para Cuzco, os índios chegaram e destruíram aquele povoado, não sobrou pedra sobre pedra, desenterraram Atahualpa e o levaram apesar das investidas do Capitão Belalcázar contra os indígenas, matando alguns e ferindo outros, nunca descobriram o verdadeiro paradeiro de Atahualpa.

O possuidor máximo de todo esse segredo era Ruminahui, irmão de Atahualpa por parte de pai, foi dele a ordem de que retirassem o corpo do irmão e o dirigisse a Quito e durante quinze dias lhes renderam as devidas honras de seu povo dolorido, ferido e transpassado pela cólera do invasor.

E assim, com dor e muito pesar pelo que ocorreu nestas paragens lhes escrevo que: “Os conquistadores e principalmente Pizarro tiveram o cuidado de impedir que não se escrevesse uma narração verídica e circunstanciada do que havia sucedido em Cajamarca, a fim de que nem nas outras colônias, nem na Espanha se conhecessem seus crimes: Monsenhor Federico González Suárez, arcebispo de Quito”.

E acrescento mais, agora que vocês já sabem, tomem as devidas providências, no mínimo passem a História a limpo, escrevem-na nos livros, para que a bem da verdade essas pobres almas não tenham sido tiradas em vão.

A LUA E O BOTO



João Pedro Antelo

Ele era um menino muito esperto. Adorava a mata os rios e principalmente a lua. Seus pais lhe contavam histórias da época do pai da mata. Eles eram moradores do vale do Mamoré.

Como o menino era muito impulsivo, a mãe sempre brigava: meu filho venha comer, fiz o pirão que tu gostas, para de ficar olhando para essa lua. Mas ele não parava, ficava nas margens do rio, com os olhos fixos no céu. A mãe sempre lhe dizia que era muito perigoso ficar ali, pois tinha cobras, jacarés e os encantados. Mas ele nem prestava atenção, sempre ficava admirado com aquela paisagem. O gosto dele era aumentado quando no fim da tarde, o sol já estava se pondo por detrás das árvores e dava um tom meio avermelhado ao rio. Os pássaros que passavam, faziam perto da casa do menino as suas dormidas. O rio agora era só tranquilidade. Ele ficava escutando seu pai contando os causos da época de menino. Ele se encantava e pensava em fazer o mesmo com os seus filhos, ele amava aquele lugar, amava tudo ali, mas amava ainda mais a lua.

A vida era rotineira naquele lugar. Os vizinhos distantes moravam, como era filho único, sentia-se solitário. Gastava maior parte do dia olhando o rio. Gostava de brincar, mesmo sabendo que a mãe não gostava que ele tocasse a água cá em cima e corria para tentar tocar na mesma água. Coisa de criança dizia a mãe, aflita vendo tudo aquilo. Brincadeira ingênua, porém que mostrava como era a vida. Não podemos voltar a tocar no nosso passado, apenas podemos tentar compreender e seguir em frente. Descobri ali, que tinha que levar uma vida sem pensar no futuro e nem no passado, o presente era o que importava.

Uma noite seu pai estava doente e recolheu-se mais cedo. Ele ficou apreciando o rio. Apaixonou-se ainda mais pela lua. Ele



olhava o contraste que seu reflexo produzia na água. Queria tocá-la, mas quem não quer, ele pensava. Pensou em pular na água, poderia nadar até ela. Mas sentiu grande medo e contentou-se em observá-la da margem. Ficou extremamente bravo quando uma jangada de aguapé passou e ofuscou o reflexo da lua. Já estava cansado e preferiu ir deitar. Poderia olhar a lua no outro dia. Passou as horas que antecede o sono pensando em como poderia tocar a lua e dar-lhe um beijo. Teve algumas ideias e desejou com todo seu amor que se concebesse pela mãe das águas, ainda resmungou dormindo, me ajude mãe das águas. A primeira ideia foi a de ter guelra, assim ele poderia ficar por toda a noite ao lado da lua abraçando e beijando ela. A segunda foi a possibilidade de ter asas, assim poderia lançar-se em um voo alto e ter sua pousada na lua que habitava nos céus, quando estava para ter outra ideia, que não lhe ajudaria muito, adormeceu. Ele levantou cedo e viu que a mãe já estava no jirau batendo roupa. Ficou ali parado olhando- e notou que seu pai estava partindo lenha, era para usar no fogo, o do dia todo. Ele só voltava no fim da tarde, já estava melhor da enfermidade, então tinha que compensar o dia perdido. O menino notou que antes de seu pai se despedir da sua mãe a olhou com os olhos totalmente diferentes, talvez tenha sido ali que ele aprendeu o que era o amor de verdade, nos olhos de seu pai, que brilhavam mais que o sol da manhã, que transmitiam mais amor que mil palavras, que tinham a sensibilidade nunca antes notada no pai pelo menino. E pensou: “minha mãe é amada”, ele cuidará dela por toda a vida.

O menino não tinha esquecido a lua, ela era seu amor e ele não poderia deixá-la de lado. Como todos os seus planos não surtiram efeito. Não nascera guelras, nem asas e não conseguiu pensar em mais nada, porque dormiu. O único meio foi ir de canoa até aquele reflexo da lua. Pensava ele ser o bastante.

A noite caiu. O pai cansado do dia intenso de trabalho dormiu cedo e a mãe apagou as lamparinas e também foi deitar. A

lua parecia ter ouvido os pensamentos do menino. Estava plena, cintilava sua luz prateada por todos os lados, já não sabia onde brilhava mais, se no rio ou no céu. Era um verdadeiro banho de luz.

Ele lentamente pegou o remo, foi em passos miúdos, desatou a canoa e saiu, uma remada por vez, ia afastando da margem. Afastava mais um pouco e mais um pouco e por fim sumiu. Até mesmo os olhos mais ávidos não o enxergariam. A lua chegava ao seu ápice. Brilhava como nunca antes visto. Seduzia cada vez mais o menino. Não tinha uma nuvem, nem mesmo aguapé. Nada atrapalharia os amantes.

Ele chegou no seu reflexo, inclinou-se na beira da canoa e tocou a lua, foi maravilhoso, porém ele queria mais, inclinou-se mais um pouco e tentou beija-la. A canoa virou... ele era um nadador excelente não iria se afogar. Porém algo lhe puxava para o fundo, mas como? Não! Ele não pode morrer assim. Um sonho tão lindo. Era o primeiro amor dele. Tentou puxar uma boa dose ar para os pulmões e vieram oladas de água que foram lentamente tirando a vida dele. Os olhos não brilhavam mais, o coração deu algumas batidas lentas os pulmões buscavam ar e o que vinha era água. Quando restava um fio fino de luz prateada que apontava na superfície, ele sorriu e pensou, “valeu a pena, vou feliz”.

Acredito que naquela hora devo ter visto a lua chorar, o céu se fez negro e uma forte tempestade caiu sobre todos.

A mãe das águas assistiu toda aquela cena, comovida resolveu ajudar o menino que estava deixando esse plano. Como o amor do menino era puro e verdadeiro resolveu transformá-lo em um peixe cuja existência seria imponente e majestosa, rápido e astuto, assim como o menino era.

Não tinha mais tempestade, nem nuvens, nem nada. O céu, a lua brilhava mais uma vez imponente.

O menino, agora boto, não entendeu o que se passava, mas ficou entusiasmado e passou as horas em volta da lua, nadava,


pulava, beijava e olhava para aquele reflexo, assim como seu pai olhava sua mãe. Era lindo!

De repente tudo ficou escuro. Não tinha mais luz, cadê a lua? Ele entristeceu. Mas um risco luminoso cortou o céu. Caiu nas margens do rio e ficou ali brilhando, o boto foi nadando lentamente atraído pela luz. A luz era prateada, radiante e extremamente sedutora, assim como a lua era. Ele ficou umas duas nadadeiras de distância da margem, quando viu uma mulher levantar e tudo se iluminava. Ela tinha os cabelos e os olhos negros como a noite, o corpo brilhava. Sedução e pureza, tinha as curvas do rio desenhadas no corpo, confundia-se com as curvas do corpo. Quando sorriu o céu se encheu de luzes pequeninas, vocês conhecem, hoje, como estrelas.

Meus olhos estavam encantados com tanta luz, beleza e amor. Já não sou mais espectador, sou eu, antes menino, agora boto, olhava ela com todo amor. Ela me chamou. Vem... Fui nadando lentamente, encantado, meu corpo se movia sozinho, foi ficando raso e começou uma mudança em mim. Primeiro vieram as pernas grandes e fortes, depois braços, cabeça e a metamorfose foi completa. Eu já não era mais menino era um homem feito e naquele momento, tinha a mulher mais linda na minha frente.

Sai daquelas águas, pé após pé. Não era eu que controlava meu corpo, era o encanto por ela. Me coloquei ao lado dela. Ela me olhou, vi no fundo dos seus olhos negros a vida, o prazer, o amor, a natureza, tudo era ela. Meu corpo imóvel nada fazia, era um mero fantoche.


Ela me abraçou e me beijou, senti o fogo solar dentro de mim. Não tínhamos roupas para nos despir apenas a luz que ofuscava a todos. O transe foi intenso. Não notamos as horas passar. Ela me olhou como quem se despede, imaginei que ela tinha que se esconder novamente, pois já estava para vir o sol. Pisquei, e nesse rápido intervalo vi o mesmo raio de luz cortar o céu, apontou os primeiros raios de sol por detrás das árvores.



Tinha ficado extasiado que nem percebi que por alguns instantes minha mãe tinha me visto com a moça, olhei-a fixamente enquanto entrava na água, não poderia voltar para casa, minha casa agora é o rio. Não sei, mas pareceu que minha mãe tinha me reconhecido, mesmo depois da metamorfose. Ela me olhou com uns olhos tristes como quem sabe que nunca mais vai ver seu filho. Mas sorriu. Sorriu estranhamente, por uns instantes nos seus olhos parece que ela sabia o que iria acontecer. Meu corpo já era de boto, passei do lado dela no jirau e pulei, seu sorriso agora era de alegria, não mais estranho, ela sabia quem era ali. Ainda escuto sua voz me chamando para comer uma caldeirada de piranha, dá energia e força. Ela deixa um prato no jirau pra mim, com pirão, do jeito que eu gosto, não saio daquela redondeza, vez ou outra vou dar uma volta vou até os rios Guaporé, Beni, Madeira e outros, mas sempre volto pra casa.

Demorou um tempo até que a lua viesse me ver novamente. Ela que antes brilhava todas as noites majestosa, plena e brilhante. Agora crescia vagarosa e quando chegava ao ápice, passava algumas noites no céu e vinha me ver. Nós nos descuidamos algumas vezes e é capaz de terem nos vistos juntos. Hoje dizem que fico com várias mulheres, acho é graça e dou risadas. Meu único amor, sempre foi e sempre será ela: Minha radiante, amorosa e majestosa lua.

Não contem a ninguém o que aqui vos falo, deixem-nos pensarem que sou mulherengo, esse é nosso segredo.



ADÃO E EVA

João Uilson

No princípio tudo era bom. As aves do céu deslizavam em um voo rasante de alegria e liberdade. Os peixes saltavam para fora dos rios como que contemplando a beleza sobre a superfície. Os animais, hoje selvagens, viviam em harmonia uns com os outros. A

lei da sobrevivência ainda não tinha sentido. Nenhum bicho precisava matar ou morrer para se divertir. A natureza alimentava a todos, com as suas ervas ricas em nutrientes. O sol, majestoso iluminava todo o dia com os seus cabelos amarelados. A lua durante a noite recebia do sol a incumbência de afastar as trevas. As nuvens desfilavam sob o céu em um ir e vir constante, trazendo sobre a terra a grandeza da chuva fértil. A terra presenteava a todos com as mais diversas árvores. Quanta beleza! Tudo era bom.

Diante de todo esse esplendor, o paisagista Deus quis inovar. Para Ele faltava o toque de mestre. Aquele detalhe capaz de deixar a todos de boca aberta. Dentre todos os seres que Ele criou, nenhuma espécie fazia o que tinha que ser feito com criatividade. Dia após dia, nada era feito de um modo diferente do outro. A natureza em si funcionava como um complexo programa de computador. Nada fugia Daquele que a programou. Embora tudo fosse bom, para Deus que é perfeito, ali faltava algo. Não que para Deus faltasse algo, mas a natureza não poderia ser sempre a mesma.

O Grande visionário que nunca dorme, já demonstrava cansaço de tanto criar e recriar eternamente. Em meio ao cansaço, Ele desceu a mão em formato de concha e fez na Terra um buraco. Do buraco trouxe na mão deixando escorrer por entre os dedos uma quantidade de barro. Para este buraco, o barro que Ele tirou, um dia voltará.

Aquele barro nas mãos de Deus já não era mais como outro qualquer. Foi Deus quem o criou. Tudo o que é bom foi criado por

Deus. E o próprio Deus quis em sua plena bondade fazer daquele barro, um barro diferenciado. Assim lhe deu forma, além de consciência, autonomia e liberdade. Um ser de uma nova espécie criada por Deus, capaz de compreender a programação a que está submetida. E não só compreendê-la, também modificá-la, porque Deus quis assim. A este ser, dessa nova espécie, Ele chamou de homem ou Adão. Deus colocou no homem um pouco de si, e viu que isso, em algum momento, não seria bom. Mesmo assim o fez.

Criou o homem do barro e o pôs sobre a terra para conviver com outros seres. O homem embora cercado de outros animais se viu sozinho. Ao nascer experimentou de alguma forma, a solidão. Para onde quer fosse não se via em nenhum outro ser. Ele tinha tudo e tudo lhe faltava.

Deus sentiu em si a solidão do homem e o fez adormecer. Enquanto dormia, este sonhava com a ação de Deus. No sonho, ele perdia uma de suas costelas. Deste osso ensanguentado, Deus fez surgir a vida. Deu forma a costela do homem, mais do que forma, formosura. A esta vida, Deus chamou Mulher, a vivente ou Eva. Enquanto o homem dormia, Ele a deitou do seu lado e saiu.

Ao acordar o homem viu que seu sonho se tornara realidade. Do seu lado estava, não para ele, mas com ele, a mulher. Ela, criação divina, veio para coroar tudo o que Deus criou. Deus com a sua criação se fez companhia para o homem e para a mulher, porque Deus está em tudo o que Ele criou. Depois de criar a mulher, Deus viu que tudo era bom, então descansou.

Unindo-os deu a eles a terra como jardim e a autonomia de dar nome a todas as criaturas. O homem e a mulher foram os únicos seres cujos nomes receberam do próprio Deus.

De quase tudo o que havia no jardim eles podiam consumir. A única recomendação foi a de não comer o fruto do conhecimento. A sua árvore ficava ao lado da árvore do fruto da vida. O fruto da vida trazia a eternidade. O fruto do conhecimento, o que trazia?

Harmoniosamente, homem e mulher viviam no jardim do Éden. A obediência os distanciava da árvore do conhecimento, mas não da eternidade. Deus que tudo vê, acompanhava de perto o comportamento humano. Sua recomendação não era obrigação. A humanidade livre poderia escolher entre obedecer ou comer do fruto do conhecimento.

Adão e Eva preferiram a tranquilidade da obediência. Isto é, se afastarem a todo custo do fruto do conhecimento. Se distanciaram tanto, aponto de nem sequer se importarem com a eternidade. Afinal, podiam comer tantas outras coisas, uma frutinha não faria a diferença. A felicidade era tanta que nunca se perguntaram o porquê da recomendação de se distanciarem daquele fruto.

A pergunta pode ser o início, como também, o fim da felicidade.

Em um dos passeios matinais, Eva passou perto da árvore do fruto do conhecimento do bem e do mal. Por um momento ela a viu, parou e se perguntou qual o mistério daquele fruto, mas logo se lembrou da recomendação divina, baixou a cabeça, virou-se e retomou o seu caminho.

Eva focada em não transgredir a vontade de Deus, pouco olhou em direção a árvore do conhecimento, assim não viu, que sobre ela estava em forma de animal peçonhento e vingativo, a personificação do desejo humano. Esta, logo percebeu em Eva a oportunidade perfeita para se vingar.

Desde a criação, forças como o desejo estavam insatisfeitas com a sua não aparência, e estilo de vida. O desejo, por sua vez, nunca se contentou com a condição de viver escondido e de sempre pedir permissão para se manifestar em seu próprio corpo. Para ele, aquilo era deprimente. Motivo pelo qual vivia maquinando incansavelmente uma oportunidade de atacar.

A personificação do desejo humano seguiu Eva até uma região onde não havia outros animais. Ali, ele a abordou e começou

a instigá-la a falar. Queria saber de Eva o porquê de ela ter parado em frente à árvore, mas não se aproximado. Eva nunca tinha visto aquela manifestação. Tudo estava muito escondido. A vergonha era o esconderijo do desejo. Mas Eva, ainda não sabia dar nome a vergonha. Por isso, achou estranha a aproximação do desconhecido e o teor de sua pergunta. Desconversando, Eva tentou fazer o caminho de volta e fugir do desejo. Acontece que ele sempre a cercava e no local onde estava a árvore do conhecimento, saltou em gritos.

– Venha, venha, está com medo?

Eva nem se atrevia a olhar para a árvore tentava apressar os passos, mas o desejo pegou o fruto e levou até Eva.

– Por que você não come? Veja como é atraente.

– Não posso! – Disse Eva.

– Por quê? Diga-me.

– O meu Pai recomendou a mim e a Adão a não comermos.

– Por quê?

– Ele não disse, pediu que não comêssemos.

– O Pai de vocês fez uma brincadeira com vocês. Ele não disse a nenhum de vocês, mas a verdade é que Ele criou você e Adão a Sua imagem e semelhança e o que distancia vocês Dele é esse fruto. Se um dia vocês provarem desse fruto, não só você, mas também Adão, então vocês serão iguais ao Pai de vocês. No futuro Ele mesmo dará esse fruto a vocês. Portanto coma!

Eva não se perguntou sobre a veracidade de tais argumentos e comeu. Sem receio, por ter provado do fruto proibido, ela foi à árvore pegou outro fruto e levou para Adão. A essa altura a personificação do desejo humano rolava pelo chão de tanta alegria e gritava de satisfação.

– Veja nada aconteceu com você.

A encontrar Adão, Eva deu-lhe o fruto sob os mesmos argumentos que lhes convenceram e ele o comeu. Ambos dormiram.

Ao acordar, Adão observava Eva deitada sobre a relva. Seu corpo nu se confundia com a beleza das flores. Adão nunca tinha olhado para Eva daquele jeito. O seu olhar era de satisfação, sentia-se dono de tamanha beleza. Uma mulher só sua. Imediatamente quis escondê-la para não a perder. Percebeu que ele era atraído pelas partes íntimas dela. Temendo que o que lhe atraía, também atraísse outros seres, ele providenciou para Eva, folhas com tamanho o suficiente para esconder sua nudez.

Ao acordar, Eva já não via Adão como antes. Ela teve para com ele a mesma percepção que ele teve para com ela. O sentimento de posse tomou conta dos dois. Para que outros não vissem e não sentissem o que eles viam e sentiam, decidiram, então, os dois usarem folhas como vestimentas.

Descobrir dentro de si o sentimento de posse levou Adão e Eva a um relacionamento diferente do que eles até então estavam acostumados. Constantemente um e outro alimentavam o medo de perder a pessoa amada, não pelo sofrimento do outro em se ausentar, mas pelo vazio em si, com a sua ausência. O sentimento de posse levou a esse pensamento, que por sua vez fez brotar em cada um o ciúme e a necessidade de ter para si a liberdade do outro.

Em meio a essas descobertas surgiram as desconfianças e brigas. As agressões e o afastamento. O homem e a mulher que foram criados para viverem juntos em uma só carne, pela carne, aos poucos iam se separando.

Teria sido pior, não fosse Deus surgir em um lindo dia, no Éden, procurando pelos dois: Adão e Eva.

Deus viu que eles estavam envergonhados e por isso, escondidos. Por ser onisciente, Deus os interrogou:

– Por que fizeram isso?

Adão, logo deu origem a falta de caráter, não assumindo a sua responsabilidade por ter comido do fruto, o qual não podia

comer, mas dizendo ser da mulher o erro em comer e lhe oferecer. Ele se esqueceu de que Deus lhe deu o livre-arbítrio.

Com Eva não foi diferente e culpou o desejo por ter lhe convencido a comer o fruto do conhecimento.

O desejo nada disse, o seu silêncio confirmava sua ação.

Daquele dia em diante, o Éden se desfez, nunca mais voltou a ser o mesmo. A persuasão inescrupulosa a que a irracionalidade humana se submeteu o levou à morte. A curiosidade sem medida, a confiança sem reservas e a submissão de Adão e Eva os levaram ao sofrimento e posteriormente a morte.

Não que o problema fosse o desejo, mas não saberem que o desejo quando escondido, suprimido e sem a sua justa medida, pode gerar problemas.

Por fim, e por bondade de Deus, restou como condenação o feliz trabalho, capaz de matar e sustentar a vida.

MEU OUTRO EU

Joelson de Jesus Araújo

Como que num repentino desespero abri os olhos. Meu sono se perdeu. Meu coração palpitava acelerado. Tentava perceber alguma coisa se movendo, mas tudo se perdia na escuridão daquele grande quarto. Percebi que fora apenas um susto. Prendi a respiração. Fiquei imóvel, de tal modo que pudesse perceber o simples voar de um carapanã ou o saltitar de uma minúscula aranha, mas nada! Aquele som antes percebido perdera-se ou será que intencionalmente se aquietou até que eu volte a dormir? E agora? Fico na angústia... É meu primeiro mês na Comunidade Vocacional Vicente Cañas, preparatório ao noviciado jesuíta da área missionária de Rondônia. Lembrei que amanhã terei muitas atividades, a começar logo às 6h com a oração pessoal, depois a comunitária, o café... Uma rotina intensa, assim como as intervenções que visam uma formação do caráter, os conteúdos programáticos densos e pontuais que auxiliam na profundidade intelectual. Fiquei em vigília, não sei exatamente por quanto tempo. Peguei no sono. Lembro que ouvi algo parecido como que passasse uma corda em uma das vigas do forro. Meu Deus! Dessa vez, num grande impulso sentei-me na cama, pedi proteção à Virgem Maria. Sem dúvidas ouvira algo, o que seria? O medo se apoderara de mim... Pensei em muitas possibilidades: a de levantar, ligar a luz, mas o irmão Antonio, responsável pelos vocacionados poderia perceber e como explicar o medo? Pensei em desafiar o escuro e ir para a capela, mas o medo não deixava. Cogitei em ir embora assim que amanhecesse. Na realidade fiquei ali, imóvel e tentando não entrar em desespero, embora apavorado.

Ouvi o galo cantar, cachorros da vizinhança fazerem a maior gritaria e até o barulho dos gatos quando estão acasalando...

Mas isso só me deixava mais inquieto, pois parecia que algo me espreitava, apenas esperando o momento oportuno.

Nem a sede e vontade de ir ao banheiro me moveram da cama. Prendi a respiração tentando identificar cada mínimo barulho que ouvia no pretume da escuridão. Às vezes esticava os braços para ver se tocava em alguma coisa, mas logo me arrependia e me enrolava todo no lençol...

Esse foi o relato nas próprias palavras de Luizinho, meu colega de segundo ano de noviciado em Cascavel, no ano de 2003. Luizinho, natural de Porto Velho, crescera em meios às lendas, contos da região. Quando jovem, entrou na comunidade vocacional e depois foi admitido ao noviciado. Um verdadeiro amigo, sobretudo pela simplicidade e energia: um jeito diferente de entender e se relacionar. Sempre acompanhado de bom humor e de excelentes histórias, quando contava particularidades de sua região, seus olhos brilhavam, uma energia que ele mesmo admitia o acompanhava... Creio que o entendia ou pelo menos sentia muita admiração nessa sua relação com sua terra e suas origens.

Lembro-me vivamente da expressão facial e da dicção um pouco atrapalhada de Luizinho quando relatava acontecimentos de sua terra natal. Cheguei até a ouvir o barulho da chuva torrencial que pontualmente marcava o meio da tarde, que por hora atenuava o calor amazônico.

Como jovem sulista e noviço, ouvia que Rondônia, nome oriundo da grandiosa e pacífica incursão na mata feito pelo Marechal Rondone sobretudo, terra de missão, assim como vários jesuítas ansiavam por lá viverem. Ainda não sonhava em adentrar nestas terras, navegar pelo rio Madeira, entrar em contato com os que aqui chegaram para tentar a sorte, conhecer ribeirinhos, povos autoctones. Pouco conhecia das redes teleféricas e muito menos da grande saga que foi a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, dos ciclos da borracha, dos minérios e por último, da construção das usinas... que tudo isso trouxe uma grande

transformação para o local, transformação nem sempre desejada pela maioria, nem sempre alcançada pela população.

Como jovem que desconhecia a região norte pensava num lugar ainda paradisíaco, em que os nativos andassem nu ou próximo disso, em que não houvesse progresso assim como na culinária, pratos típicos como a tacacá, o ensopado de peixe; ruas movimentadíssimas e três centros comerciais na capital, o da Rua sete de Setembro (centro), o da José Armador dos Reis (Zona Leste) e o da Jatuarana (Zona Sul); a grande quantidade de lojas e a venda de produtos eletrônicos; a intensidade da movimentação portuária feita pelo rio Madeira que liga comunidades até chegar em Manaus; a grandiosidade da extensão da cidade, que em 2020, ultrapassa os 500 mil habitantes; a grande quantidade de artistas locais que valorizam e propagam a cultura, sobretudo cantores e escritores... Alguns me perguntaram: você já viu índio com arco e flecha? Já viu onça na rua? ... Parece estranho, parece um Brasil longe do Brasil! Não somente é um Brasil desconhecido como o fazem dessa terra um espaço de colonização e exploração até mesmo pela idealização.

Hoje, após pordez anos morando aqui, entendo que esta terra não é terra de missão, mas terra acolhedora e de libertação dos tantos preconceitos... é a terra que Deus deu a seus filhos e filhas para que continuassem seu legado...

De Luizinho tenho muitas saudades. Ele, rondoniense mora no Sul. Eu, sulista moro em Porto Velho. Agora, talvez o possa melhor compreender e sei das saudades que ele deve sentir. Luizinho, naquela noite fria do inverno em São Leopoldo, região metropolitana de Porto alegre, sob o vento minuano que nos forçava e fechar melhor os casacos e a tomar chá à noite, descreveu vivamente sua experiência angustiante na Comunidade Vocacional. Sob seu olhar um pouco misterioso e meio ingênuo, uma grande amizade floresceu: era o meu outro eu! Um eu que agora, após dez anos estou me dando conta. Creio que assim

somos: encontramos-nos uns nos outros. Sozinhos somos uma parte inacabada.

A chuva marca o ritmo da vida. Marca o ritmo do amazônida! A chuva ecoa em meus ouvidos placidamente, talvez por ser a mesma experiência que tive no Sul. A chuva tornou-se o elo entre duas extremidades brasileira e particularmente porque me lembra a relva em frente da casa de meus pais, que, diante da chuva ficava encharcada. Eu observava o encontro das gotas com a relva, e algo de espiritual acontecia... Hoje, encontro eco nas palavras da Bíblia, quando afirma que tal como a chuva cai do céu e para lá não volta sem ter regado a terra, sem a ter fecundado e feito germinar as plantas, a palavra que minha boca profere não volta sem ter produzido efeito...

O medo de Luizinho naquela noite também se fez presente em mim quando vim morar em Porto Velho e tive que dormir só algumas noites na casa vocacional, por motivo da sua venda. Olhava atento, levantava de madrugada na expectativa de não encontrar nada, pois o que mais temia era deparar-me com algo que pudesse ser ameaçador.

A casa foi vendida. Não sei se lá se esconde tal ser, ou se foi mais uma estória do meu outro eu. O que sei é que esta terra é cheia de encantos e seres que povoam a terra, as mentes e os livros...

IGARAPÉ DAS MULHERES

Joely C. Santiago

Na madrugada do estreito e árido caminho, Maria segue com a bacia equilibrada na cabeça com uma rodilha de pano torcido, usada para aliviar o peso da trouxa de roupas sujas. Ela prefere sair de casa cedinho antes mesmo de o sol botar *a cara*. As gotas do cair da noite suaram as folhas das árvores, que debruçadas umas sobre as outras, escurecem, ainda mais o caminho deserto. Devagarinho, as gotas de sereno vão sendo sugadas pelo sol molhado, no dia que já se rompe. Ao longe se vê Maria com os tecidos que quaram em pedras negras, ao mesmo tempo em que ela cuida de outras vestimentas na tábua de lavar. O sabão, ora de sebo, ora de cinzas, feito por ela e sua mãe velha, ajuda a economizar. *Lavar para fora* não rende lá essas coisas, apenas o acúmulo de cansaço. O que ela ganha mal dá para pagar as taxas de energia elétrica. Ela agradece! Esse ofício de lavadeira é desde os tempos de sua bisavó. A memória já gasta relembra a vida difícil, pois desde aos dois anos de idade Maria já amanhecera na tábua de lavar com sua mãe. Dos sete irmãos, ela foi a única filha a atingir com saúde, a maioridade. E assim desde os primeiros anos de vida, ela já seguira os passos de sua velha mãe e dos mais idosos: na beira do rio, nos seringais, na colheita da castanha, na extração da poaia.

Voraz e delicada, Maria roça a bucha de quintal nos tecidos sujomolhados feito um animal selvagem que transporta, habilidosa, seus filhotes, com a boca cheia de presas. O cassetete em madeira, usado para tirar o limo de sabão, e a cuia de cabaça testemunham a lida no Igarapé das mulheres. As melhores tábuas de lavar são disputadas por elas, e a vencedora é aquela que chega no Igarapé das mulheres *com escuro*. O local causa pânico por ser deserto e distante das escassas moradias que existiam na redondeza. De fato, um buraco envolto por pedras amarelas de onde jorra o fio de

água. Pés-de-buriti, pupunha e açazeiro atraem famílias de macacos, pássaros e outros animais que observam curiosos, de longe, os passos humanos. Nas primeiras horas do dia de sol quente, que penetra em tudo, peixinhos bailam ariscos no olho-d'água do Igarapé. Vez por outra, encosta por lá algum beerrão transpirando água-ardente, caminhando desnortado, na procura da nascente. Na água fresca e cristalina, as mulheres, também, abastecem seus vasilhames, em baldes erguidos na cabeça, até suas moradias, ao passo em que cantarolam antigas canções de seus tempos de mocidade para aliviar o cansaço. E assim refazem o trajeto por várias vezes. O findar do dia resulta na água turva, cor azul-anil. E logo-logo se finda mais uma lida na lavagem de roupas *para fora*, atividade, esta, em que outras Marias se juntam àquela Maria, são mães de família que levam consigo suas crianças pequenas e de colo. E numa manhã de friagem Maria sai de casa, cedinho-cedinho, com três dos filhos. Antônia, com apenas dois anos de idade, caminha esfregando os olhos na tentativa de afugentar o sono. A trouxa de roupas é larga e pesada e Maria precisou levar os filhos para ajudá-la na lida. Juntou a lenha que estava amontoada, desde o dia anterior debaixo do pé-de-embaúba. Acendeu o fogo. Colocou o caldeirão para ferver. Separou os tecidos que seriam fervidos, enquanto as crianças ensaboavam as vestimentas de malha, numa tábua a poucos metros. Deu por falta de Miltinho. Tinha três anos na época. Os olhos de Maria percorreram aflitos as margens do Igarapé. O pequeno estava a poucos metros dela. Com o rosto virado para uma flor que flutuava. Sem vida... Tão perto e tão distante dela. Sentiu rasgar tudo por dentro. Um vazio sem lágrimas. Elas haviam abandonado Maria. Segurou os filhos nos braços e num grito surdo, tudo se fez luto.

SUSSURROS DA MATA

Maycon Moura

Acordei com uma forte dor de cabeça, me levantei, tentei me localizar, ver alguma luz ao meu redor, mas nada me orientava apenas a luz do luar sob as folhas que cobriam a floresta fechada.

Não sabia como fui parar ali, tudo estava mais intenso, os sons da mata, o luar, as árvores, pareciam que todos os elementos procuravam se comunicar comigo. Será que estou drogado? Não, impossível...

Os sussurros diziam coisas como: por aqui não, siga naquela direção. Tudo era muito confuso. Minha última lembrança era de estar voltando para casa depois de um dia cansativo de trabalho, a vida normal de um jovem pobre e periférico.

Ainda de uniforme, não sabia quanto tempo havia passado, mas sabia que precisava descansar para voltar a trabalhar amanhã. O batente não espera, os boletos não esperam...

Celular? Sem bateria. A impressão que eu tenho é que a cada dia as baterias duram menos, e pessoas também.

Avisto uma rua de cascalho de longe...

Rotina

Tocou meu alarme do celular, passo o olhar superficial sobre minhas notificações. Levanto-me, mais um dia, mais um real!

Uniforme limpo, moto não tão limpa assim, quinze minutos para chegar, trânsito infernal. Café da manhã enquanto trabalho, já pensando no almoço. Longas horas em frente ao computador, processos atrás de processos. O agora parece interminável.

Almoço com meus colegas, os melhores sorrisos e conversas espontâneas do dia já acabaram, *backtothework*.

A parte da tarde sempre parece mais arrastada, mas uma hora acaba, quem sofre com o trabalho do dia a dia sabe como é,

quando meu chefe não exige que fiquemos horas a mais, é um alívio.

Saindo do meu trabalho, tenho a sensação de *dejavu*...

Flash na minha mente da noite anterior. Caminhando entre as arvores, luzes, farfalhar de folhas, assobios noturnos. Mas o que é isso?!

Chego em casa me sentindo febril, olho minha caixa de remédios, sem remédios, tomo um copo de água e vou para cama, sem fome e sem forças.

O pequeno delírio

Estou em frente a uma fogueira, é um pôr do sol, sinto-me feliz como nunca havia me sentido antes, tal felicidade me faz pular, gritar, dançar. Não tenho roupas, nenhuns dos meus companheiros têm, isso não importa, a felicidade sim, saudamos as canções que exaltamos. De fundo, ouve-se o mar próximo dali, um motivo a mais para enaltecer a natureza.

Um estouro interrompe a festa em volta do fogo, todos se movimentam assustados, corremos para beira da água.

Navios são vistos no horizonte...

O recado

As paredes pareciam todas rabiscadas, símbolos e desenhos de animais me pareciam familiares, será que fui eu? Desde quando sou sonâmbulo? Moro só há muito tempo.

Minha vizinha bate a porta enfurecida, abro assustado com a atitude.

- Bom dia, vizinho! – O tom de ironia é escancarado – Noite passada ouvi muitos barulhos vindo do seu apartamento, sons de batiques e gritos, por favor, não faça mais, pelo menos não no meio da semana, serei obrigada a contar ao síndico que você anda mexendo com essas coisas, passar bem! – Pisando com raiva e sem me ouvir, saiu sem olhar para traz.

Fechei a porta sem entender nada e notei que minha mão estava rabiscada, assim como as paredes do meu quarto, mas era algo na minha língua, a mensagem era:

Esqueceu-se de quem você é

O que passou

O que sofreu

Quantas tribos perdeu.

TEMPOS DE ENCONTRO

Oziel da Rocha

Há dias não encontrava o meu irmão, apesar das diferenças que existem entre nós, a essência é sempre a mesma. Somos da América do Sul, comecei minha existência na Colômbia e ele no Peru, mas sempre estamos por aqui, enquanto não nos transformarmos em outra coisa, seremos nós mesmos com identidades diferentes. Sempre quando vou ao encontro do caçula, a viagem é uma saga, encontro com outros parentes, primos que gostam de pegar sempre uma carona até o Brasil. Não uso caminhos convencionais, gosto da natureza, gosto de mim mesmo e valorizo as árvores, os bichos, gosto de uma boa história de pescador.

Certa vez, realizava a saga do encontro ao cair da tarde, lembro-me daquele horizonte lindo, o sol refletia em mim, parecia aquela tarde que a gente fica com saudade de tudo, até mesmo da própria existência abandonada em algum lugar do passado. Passei perto de dois pescadores, ainda na Colômbia, ouvi uma história muito simpática; estavam eles lançando o anzol e então narrava um deles que um menino foi engolido pelas águas de um rio, barranco adentro e lá ia o menino arrastado pela correnteza até que ao ser engolido por um peixe, ele, o pescador entrou na canoa, flechou o dito peixe, abriu a barriga e lá estava o menino ainda brincando dentro do peixe. Coisas estranhas esses homens contavam. Ainda falavam sobre uma mulher de branco que no soar da meia noite aparecia aos pescadores na outra margem, nada falava, nada fazia, apenas observava, diziam que era muito bela. Burburejo-me com essas histórias, a criatividade humana é hilária quando quer funcionar. Coisas tristes também encontrei: destruição, fome, morte e falta de esperança. Para matar a fome de alguns, eu levava peixe com fartura, tinham pessoas que não

tinham vara e nem anzol. Essas distrações, boas ou ruins não disfarçam a saudade de meu irmão, cada encontro a nossa energia contamina todos ao nosso redor.

Já escuto meu irmão de longe, vejo-o, sinto o cheiro dele e lá vem ele com tudo para nosso abraço, seja bem-vindo meu irmão Solimões, mais uma vez nos encontramos para virar o Amazonas. Esqueci de me apresentar, fui batizado com o nome de Rio Negro, sou água, batizo-me em mim mesmo, recrio-me e recriamo-nos sempre no fluxo da existência, no ir e vir da existência, não sei se o meu começo é o fim ou o início desde sempre. Fluímos, Solimões e eu, lado a lado por algum momento e viramos um, será que tudo na vida virá um ou surge do mesmo princípio? Solimões é mais brasileiro e sentimental, não fala muito dessas coisas, mas eu, no correr coloco minha existência em questão.

AS VIAGENS DE LUZIA

Raylan Felipe Macedo Setúbal

Já era tarde e a rua estava deserta. Todos já haviam entrado em suas casas. Lá fora sob a luz da lua apenas pingos de luzes que se apresentavam distantes um dos outros. Os sons dos sapos, grilos e outros insetos faziam a sonata daquele lugar. A escuridão estava lá, estática escondendo um universo de coisas que não podiam ser vistas e só às vezes podiam ser ouvidas.

Luzia olhava aquele caminho com apreensão. Estava petrificada, engolindo a seco, tomando coragem e pensando em todos os males que podiam acontecer.

-Vai ser agora. Pensou ela em meio a toda situação.

No dia anterior, Luzia havia pegado o trem em Porto-Velho. A viagem foi longa, um dia quase inteiro. Sentada nos bancos de madeira observava as mudanças na paisagem. Quanto mais perto ela olhava, mais rápido se desfazia aquele mosaico que ela via. No corredor bananas e galinhas dividiam os espaços entre as fileiras. Cadeiras duras preenchiam o lugar, os bancos estofados ficavam no outro vagão. As janelas eram largas e passavam toda a viagem abertas ventilando aquele ambiente. Luzia parecia não se incomodar com a falta de espaço e o barulho do cacarejo que as galinhas produziam.

Passaram-se horas naquele sobe e desce de passageiros. Luzia estava distraída ao lado de sua irmã Lena, após as duas darem muitas risadas dos jeitos e das aparências dos outros viajantes. Criavam histórias sobre quem entrava no trem, dublavam conversas e tentavam ouvir ao máximo o que os outros conversavam.

- Estou tão triste pela Josefa. Uma senhora contava para um senhor duas cadeiras a frente delas.

- Mas porque? Indagou o senhor.

- A comadre me falou que ela estava com seu filhinho em frente de casa. Entrou para pegar água quando voltou o menino tinha sumido.

- E o que aconteceu? Indagou novamente o senhor.

-Ninguém sabe ainda. Estão achando que os índios o pegaram, mas vai saber o que houve né!?

- Misericórdia! Exclamou o senhor.

- Ela correu de um lado para o outro, mas não adiantou. O menino sumiu.

Já cansada de ouvir as historietas do vagão, Luzia escorou-se em Lena com a costa para a janela. Luzia num estado de sonolência não percebeu, mas uma fagulha que fugia da caldeira adentrou pela janela da locomotiva e repousou em seu vestido.

- Ai, ai, ai. Gritou Luzia.


- O que foi? O que foi? Perguntou Lena.

-Está queimando.

- O quê menina? Onde? Fala. Esbravejou Lena

A fagulha queimou o vestido leve de Luzia fazendo um buraco no tecido e uma queimadura na sua pele.

De longe, numa espécie de sacada, extensão que ficava entre os vagões e geralmente frequentado por adultos, a mãe das duas lançou um olhar sério que cruzou todo vagão, olhar que anunciava as boas mãozadas que ambas receberiam por fazer tamanho escândalo em frente a tantas pessoas. Não precisou de mais, isso foi o suficiente para que as duas se calassem. Luzia engoliu o choro, fechou os olhos e durante todo o resto da viagem passou quieta, contando os segundos para chegar em casa de uma vez.



Quando chegaram, Luzia logo foi tomar um banho para que a água gelada trouxesse algum alívio para a queimadura que latejava em suas costas. Ligou a torneira que ficava no fundo da casa e enchendo por diversas vezes uma vasilha de plástico, ficou pensando nos acontecimentos da viagem. Jantou cedo, pouco conversou com sua mãe. Estava furiosa pelas bofetadas que ela e a irmã haviam levado assim que desceram do trem e se afastaram um pouco da multidão.

- Estou saindo, se comportem. Disse a mãe depois do jantar.


- Para onde a senhora vai? Perguntou Lena.


- Não é da conta de menina curiosa. Acenou e deu um breve sorriso e saiu.

- Já vai para a farra! Disse Luzia após alguns segundos de sua mãe fechar a porta.

Lena olhou, pensou em algumas palavras que podia dizer a sua irmã, mas preferiu ficar calada, pois qualquer palavra poderia ser o início de um discurso raivoso de Luiza sobre como a mãe delas deveria agir. Dormiram cedo, oito horas da noite. Meia noite a energia era cessada e todos já deviam estar no terceiro sono.

No dia seguinte Luzia acordou cedo. Ela e Lena eram encarregadas dos afazeres domésticos da casa onde viviam, uma casa simples de madeira com piso de cimento queimado afastada das demais. A mãe das duas já havia tentado dá-las para outras duas famílias, mas essas famílias não queriam filhas, queriam empregadas domésticas e os modos de Luzia nunca eram bem vistos por elas. Sabendo disso ela sempre aprontava. Mesmo com tudo isso que acontecia cultivava um afeto por sua mãe e não aceitou as condições pelas quais a vida sempre exigia que ela percorresse.





Quebrou, arranhou, fez mal feito. Fez de tudo para que no final sempre retornasse para a responsabilidade de sua mãe. Lena por sua vez, parecia não se importar e sempre demonstrava isso. Não se incomodava, ou pelo menos não deixava que isso, se existisse, transparecesse. Varria, lavava, passava, cozinha. Não queria que a irmã levasse a culpa, temia represálias dos filhos e filhas das donas da casa. Mesmo com Lena realizando todas as cobranças que eram impostas elas, as duas eram sempre excluídas de qualquer tentativa familiar.

Passou o almoço e Luzia foi para escola com sua irmã mais nova. Lá elas permaneceram até o fim da aula. Lena foi na frente para casa e Luzia permaneceu nos arredores da escolar trocando algumas conversas com suas colegas de classe.

Quando chegou em casa Lena percebeu que sua mãe não estava. Trancou a porta e foi preparar alguma coisa para comer. Descascou algumas bananas-da-terra e fritou para que ela e sua irmã comessem assim que Luzia retornasse da escola. O tempo passou e nada de Luzia retornar.

- Onde Luzia foi se meter até essa hora? Parece que não sabe que se a mãe chegar e ela estiver ainda por aí vai apanhar de novo. Falou Lena sozinha de frente para a frigideira.

Nos arredores da escola Simon Bolívar Luzia parecia perder o tempo de voltar para casa. Sabia que sua mãe a castigaria, mas a rebeldia falou mais alto. Correu pelas praças com suas amigas inventando as mais diversas brincadeiras. De repente todas decidiram ir embora, pois o sol já se deitava na árvore mais distante do horizonte.

-Tchau Luzia já está na hora de eu ir para casa. Uma das amigas disse.

- Eu também tenho que ir. Outra amiga exclamou

- Tudo bem, amanhã nos vemos na aula então, respondeu Luzia ainda sem querer voltar para a casa.

E por ali Luzia ficou por mais alguns minutos sentada no banco da praça olhando a movimentação e pensando no que iria dizer para sua mãe caso ela estivesse em casa furiosa. Das amigas que foram se divertir na praça Luzia era a que morava mais longe e por isso sempre voltava quando ainda era claro.

A casa onde ela morava ficava isolada. Um caminho de aproximadamente uns 500 metros entre a última rua com movimentação e várias casas. Havia apenas uma rua para que ela chegasse. No caminho uma árvore gigantesca que ganhava ares aterrorizantes a noite fazia parte daquele cenário. Muitos diziam que ouviam a árvore chorar, mas Luzia nunca acreditou nessas conversas.

- Deve ser o vento que bate nas folhas e no tronco que rodopia por entre os galhos e faz esse barulho, coisa de gente medrosa. Era o que Luzia sempre falava quando comentavam sobre a tal árvore com ela.

Um pouco mais adiante havia uma horta, propriedade de uma família de bolivianos muito hábeis na arte do cultivo de legumes e hortaliças. Cercada por arames, o espaço era protegido por três cães que durante o dia pareciam ter vermes no estomago, ficavam sempre deitados sem esboçar nenhum sinal de vida, mas que a noite se transformavam em cães ferozes que rosnavam e mostravam os dentes e, se por acidente, algum desavisado entrasse ou eles fugissem, certamente alguém seria morto. Felizmente ficavam presos atrás daquele muro de arames.

Luzia andou e andou. Chegou na última rua urbana na cidade. Agora ela tinha que pegar o caminho de casa. Já era tarde e a rua estava deserta. Todos já haviam

entrado em suas casas. Lá fora sob a luz da lua apenas pingos de luzes que se apresentavam distantes um dos outros, mas isso nós já sabemos.

Luzia foi. Em uma mistura de medo e coragem. Olhou a árvore que tantos diziam, mas que ela poucas vezes via. Era realmente uma monstruosidade. Muitos metros de altura, três casas de cupins e duas colmeias gigantescas. A fração de medo que ela sentia era tanto pelos boatos amedrontadores que ouvia sobre a árvore quanto pelos insetos peçonhentos que a ela poderia abrigar. “Se essa colmeia cair eu estou realmente ferrada”. Pensava sorrindo, Luzia. Era a forma que ela tinha para se acalmar naquele momento. Mais alguns passos e Luzia ouve:

- Luzia. Uma voz distante dizia seu nome.

Rapidamente Luzia apressa o passo e pensa.

- Não é possível, essa árvore não está falando comigo. É tudo imaginação, devo estar dando corda demais para os boatos do povo. É isso.

Ainda com um sorriso no rosto fala sozinha

- E se for verdade? Será que é por isso que ninguém anda por aqui essa hora?

Luzia, já não tão calma, então começa a correr. Os passos apressados já não eram suficientes. A mochila vai e volta atingindo sua costa queimada pela brasa do trem, mas ela não liga, quer chegar em casa de qualquer maneira.

O jeito desesperado de Luzia chama a atenção dos cachorros dos agricultores bolivianos que partem em sua direção. A cerca de arame, de tanto forçada, não resiste e os cães saem.

-Agora pronto! Exclamou Luzia.

-Estou sendo perseguida por uma árvore e três cachorros.

Aquela foi a corrida mais rápida de Luzia. Ao chegar em casa a porta estava trancada. Bateu, mas Lena não encontrava a chave.

-Corre Lena, os cachorros vão me pegar. Berrava Luzia.

Os latidos se aproximavam e ela já esperava o pior. Fechou os olhos e ouviu.

- O que você estava fazendo na rua até essa hora Luzia? Perguntou sua mãe com tom ríspido ao lado dos cachorros que pareciam conhecê-la.

- Estou te chamando desde lá de trás, no início da rua. Complementou sua mãe.

Luzia, aflita e aliviada disse que se atrasou conversando com as amigas. Sua mãe logo a botou para dentro e deu muitas broncas.

Essa foi uma das várias viagens de Luzia.

UM AMOR PELA LUA

Tauã Lima Verdan Rangel

O tempo é caprichoso com alguns fatos. Ainda que realísticos, as areias correm e convertem em lendas que ao sabor do vento, se dissipam nos imaginários. Algumas ganham versões em que alguns detalhes são acrescentados e outros são apagados. Outras, por sua vez, caem em um abismo de esquecimento. Enfim, se o tempo é caprichoso, a memória também é e consagra alguns amores pela eternidade. Mesmo que detalhes sejam acrescentados e outros sejam suprimidos, o amor se eterniza ao sabor dos eternos amantes.

O clima está muito abafado e o sol castiga com sua imponência pelo extenso firmamento cerúleo. É a alta estação do verão que queima a terra e arde a pele em meio a um contraste intenso de vida brotando e se multiplicando por todas as partes. Os rios caudalosos e sinuosos fervem com os peixes das mais variadas cores e formas. As águas escuras ocultam o ágil boto cor de rosa que nada ligeiro em meio aos igarapés. Há uma visão singular da vida que se revela em sua plenitude.

Aos poucos, as horas vão de maneira vagarosa passando. Uma onça pintada se esgueira pelas sombras das seculares árvores que presenciaram o correr das eras. Pequenos macacos correm entre a copa das árvores em busca de frutas e folhas suculentas. Há um som intenso do canto de pássaros que em revoadas cobrem os céus com suas penas tão coloridas e cantos tão melodiosos e inebriantes. Sim! A vida está em uma efervescência singular.

Na densa floresta amazônica, o sol cumpre por mais uma vez sua sina diária. O céu de um azul intenso vai cedendo as suas cores em cores mais esmaecidas e o poente é tingido em um caleidoscópio de tons amarelos, laranjas, vermelhos e dourados. As poucas nuvens que compõem o cenário são tingidas com inúmeros

tons. Ao longe, no seio da mata fechada ouve-se o barulho de araras vermelhas, um sinal de que o dia se aproxima de seu término.

Aos pares as belas aves sobrevoam pelo espelho d'água. São majestosas e contrastam com seu vermelho intenso, as cores esmaecidas do poente que anunciam a aproximação da noite negra. Uma inspiração sem fim toma conta do ambiente e contrasta com a vida que explode em intensas sinfonias da criação primordial. À medida que o sol esmaece no poente, a primeira estrela coloca-se a brilhar no céu que se tinge de um tom violáceo convidativo e repleto de segredos. No interior da densa floresta, os animais noturnos começam a despertar para mais uma longa noite.

Enquanto o tom violáceo da noite vai se tornando mais intenso e Naiá, uma jovem índia, de maneira ofegante corre por entre as trilhas. Os olhos acastanhados reluzem ao sabor dos primeiros raios das estrelas brilhantes e os cabelos negros como a noite sem luar são levados ao sabor de uma lufada de brisa em meio ao tempo quente e abafado. O coração parece que vai escapar pela garganta, tamanha a pressa que a jovem possui.

Ora, o que será que a jovem índia busca por entre as trilhas sinuosas da floresta densa? Será que não teme os perigos que espreitam pela floresta durante o manto noturno? Será que a jovem Naiá não encontra prazer na companhia de outros índios? Será que ela não tem seu coração arrebatado pelos amores e paixões ardentes que povoam a juventude? Enfim... tantas perguntas e uma única certeza a jovem índia só encontra prazer em sua busca diária.

Dentro de si há um desejo que se renova a cada noite quando o manto celeste do sol luminoso se encerra: contemplar a lua em seu trajeto diário. No horizonte distante de maneira hipnotizada os olhos de Naiá seguiam o percurso da lua que ascendia em tons prateados e dissipadores das trevas noturnas.

Sim, a pequena jovem sentia o coração acelerar ainda mais quando podia presenciar a elevação da lua formosa. Tinha tanto desejo por Jaci, a lua, que a sua respiração ficava ofegante e sentia um ardor percorrer a extensão de seu corpo.

A formosa deusa lunar era conhecida por a cada noite beijar e encher de luz as faces das mais belas virgens da aldeia: as cunhantãs-moças. Assim, após uma cansativa noite de caminhada pela extensão do céu, Jaci levava para si as moças de sua preferência e as transformava em estrelas brilhantes, ornamentando com lumes o firmamento violáceo. Por não raras vezes, Naiá chegou a pensar:

-- Por Tupã, como eu poderia ser notada por Jaci! Quisera Tupã na extensão de todo o seu poder ouvir minhas preces e fazer com que Jaci inclinasse seus olhos prateados em minha direção, suspirava a jovem!

Os pensamentos de Naiá vagavam ao sabor da brisa suave que soprava a margem dos rios caudalosos. Conjecturava e imaginava o que diria quando Jaci lançasse seu olhar brilhante em direção a ela e um mistura de medo e de desejo tomavam conta de seu corpo. Ensaïava as palavras de modo a confessar todo o sentimento que nutria e repassava por tantas vezes as frases corretas que tinha em seu coração que o coração com Jaci seria arrebatador

Apesar disso Jaci era indiferente a Naiá, não conseguia notar o desejo que a jovem tinha por s e nem mesmo identificar sua aparência dentre as demais jovens da aldeia em que ela habitava. O coração da jovem índia ficava apertado ao ver suas amigas serem agraciadas pelo amor de Jaci e encontrando morada no firmamento noturno como estrelas. Ela não conseguia compreender tamanha indiferença e tentava de qualquer modo chamar a atenção da lua que era incapaz de retribuir suas manifestações.

Por mais uma noite erguia-se Jaci com os seus longos cabelos negros e iniciava a marcha diária no céu noturno em

esplendor e formosura descomunal. Os raios intensos traziam luz em meio as trevas intensas da noite e como de costume a deusa lunar buscou na tribo uma índia cuja beleza fosse incomparável ao ponto de cativar sua atenção. Com cuidado os olhos prateados encontraram a formosa Iracema, dita como aquela que possuía os lábios de mel em razão da docilidade de sua presença. Nos longos cabelos acastanhados da índia repousavam duas orquídeas vermelhas entrelaçadas com um sutil cipó e olhos da cor da asa da braúna reluziam diante do brilho prateado de Jaci.

Naiá, que a tudo via de longe, presenciou o momento em que os lábios de Jaci tocaram a pele ardida de Iracema conferindo uma luminosidade tal como da lua à jovem. Os cabelos de Iracema tornaram-se prateados como o brilho da lua e os olhos se encheram de um caleidoscópio de cores intensas e hipnotizantes. O coração de Naiá se amargurou ao ver por mais uma vez a atenção de sua amada Jaci ser roubada por outra índia. A indiferença da deusa lunar causava grande dor na jovem que ao ver mais uma cunhantã-moça alçada aos céus, adentrou-se na mata densa e escura em grande desespero.

Movendo-se entre as trilhas sinuosas e mirando Jaci que reinava prateada por todo o firmamento noturno Naiá, após limpar as lágrimas que banhavam a sua face tristonha decidiu que não desistiria de seus desejos e que insistiria ainda mais. A jovem recostada no tronco frondoso de uma árvore viu a noite encerrar o seu ciclo e o sol se erguer luminoso no horizonte. Mais um dia tinha finalizado e outro se iniciara sem que a índia fosse capaz de ter outros pensamentos senão conquistar a atenção de Jaci.

Naquele mesmo dia, a índia colocou-se a correr pelos montes escarpados em busca do melhor local para chamar a atenção da prateada deusa lunar. Naiá percorreu uma imensa distância da floresta densa e adentrou por partes remotas e até então desconhecidas por ela. A jovem tinha certeza que naquela noite conseguiria enfim aquilo que tanto buscava o carinho de Jaci. O

sol ardente parecia não cooperar com as intenções da jovem, pois naquele dia parecia que seu movimento no céu de azul celeste estava ainda mais rápido. O canto da revoada das araras que cruzavam o descampado em que a jovem se encontrava chamou ainda mais sua atenção para o poente que se aproximava rapidamente.

Ao perceber que os últimos raios de sol se punham no distante horizonte, a jovem sentiu novamente seu coração disparar e sua respiração se tornar ofegante. Tinha certeza que daquela noite não passaria e conseguiria enfim encontrar sua amada Jaci. Após as primeiras estrelas reluzirem no céu noturno, Naiá colocou-se em disparada em direção às montanhas do norte, onde sabia que nenhuma outra índia poderia concorrer com ela em beleza, ou ainda, poderia despertar a atenção da lua.

No meio do caminho, porém a índia sentiu uma sede descomunal tomar sua boca. Refreando os passos apressados, aproximou-se de maneira meticulosa de uma pequena lagoa em uma clareira no meio da floresta. Como não conhecia o local, Naiá resolveu se aproximar devagar e verificar se não havia nenhum risco ou perigo nas proximidades. A jovem todavia teve uma grande surpresa quando percebeu que sobre o espelho d'água do lago repousava Jaci com seu inconfundível brilho prateado.

O coração da jovem índia disparou com a possibilidade de se aproximar de sua amada. Naiá, entretanto não conseguiu discernir o risco em que se encontrava, pois ao adentrar nas águas da pequena lagoa a jovem não conseguiu tocar Jaci como seu coração tanto ansiava. Ao contrário, em desespero por ver a imagem refletida sumir por diversas vezes, Naiá acabou padecendo afogada, tendo apenas um lampejo do brilho de Jaci sobre o seu corpo, agora, sem vida.

Jaci, pela primeira vez do alto do firmamento noturno teve sua atenção chamada pelo corpo sem vida de Naiá que flutuava naquela pequena lagoa. Ao tomar do real conhecimento por meio

das outras cunhantãs-moças que lumiavam o céu com seus brilhos estelares, Jaci sentiu seu coração ficar apertado e lamentou profundamente a morte da pequena índia. Então ela resolveu tirar a forma humana de Naiá e colocá-la para brilhar sozinha, não no céu noturno como as outras jovens, mas sobre a lâmina d'água. O corpo sem vida, ainda assim apaixonado de Naiá foi transformado por Jaci na estrela das águas, única e perfeita, a vitória-régia. Assim nasceu uma linda planta, cujas flores perfumadas e brancas só abrem a noite e ao nascer do sol ficam rosadas.

A OUTRA MARGEM

Tiago Santos Malheiros

Se bem me recordo, havia uma ponte no meio do meu caminhar. E foi de lá que vi submerso de todo sentimento que não se entendia, o motivo de o moço não muito jovem, nem muito velho se atirar de lá, como quem mergulha e logo volta para respirar.

- Foi a primeira e a antepenúltima cena, disse. O moço se esquivava do chão. Cada passo era uma conquista. Atravessar a ponte era uma dádiva. Media a altura da ponte e do tombo. Via a cor do rio. Ele era jovem e seco. Nem tanto. Mas tinha uma vida nos olhos. Contava até três e meio, eu ouvi. E no meio do nada estava lá a cair, lenta e lamentavelmente. E o barulho de algo no rio era mais de uma matéria, de um tronco, do que de um corpo. Depois me disse que o moço não caía só. Nunca.

Antes de toda essa onírica contação, eu confessei ao dono do rio que ninguém havia passado por lá: nem rico, pobre, branco, preto, morto, vivo, triste, alegre, magro, gordo, bicho ou assombração, moço ou velho.

Sobre o moço eu menti: ele não viu a ponte. Viu o rio. E atravessou contando e cantando “um, dois, três e meio e já”, chegou a minha vez, chegou a minha vez dessa ponte preciso me livrar. E nadou até o fim.

Sobre os autores



Antonio Paulino dos Santos, nasceu em 1979, na comunidade Praia do Cassianã, em Lábrea-AM. Filho de um polivalente homem do beiradão e de uma exímia dona-de-casa. É servidor público Federal, atuando no IFAM *campus* Lábrea. Possui Mestrado em Ensino Tecnológico. Um apaixonado pelos estudos, pela leitura e escrita, bem como pelo registro das histórias de vida e resgate histórico de eventos sociais, culturais e esportivos de

Lábrea-AM. E-mail: paulinoventura.labrea@gmail.com

Daniele de Souza Firmino, Cearense nascida em Barbalha. Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri- URCA. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FJN- Faculdade de Juazeiro do Norte. Professora da Rede Pública Municipal de Juazeiro do Norte-CE.



Doralice Alves Mendonça, Rondoniense de Ariquemes. Filha de migrantes nordestinos, primeira de 7 irmãos. Casada com o amor à primeira vista e mãe do Pedro. Ama ser professora, a profissão que está na vanguarda das mudanças sociais necessárias.

Francisca Lusía Serrão Ferreira. Pedagoga e Psicopedagoga. Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Gestão Democrática, em educação Infantil-UNIR. Professora da Rede Pública Estadual e Municipal. Feminista e Ativista Política na defesa de uma sociedade mais humana e justa para todos e que inclua as mulheres. Endereço: Padre Chiquinho, 413- Panair. franciscaserrao13@gmail.com
992211200- 22/08/1968.



Sou **Henrique Pereira Galvão**, professor de História, especialista em Metodologia do Ensino, da História e da Geografia e em tutoria EAD e docência do Ensino superior, atualmente trabalho no governo do Estado de Rondônia, sou mestrando em Estudos literários e escrevo poemas e contos. Escrever sempre foi uma grande paixão e uma forma de compartilhar meus pensamentos com o mundo. E-mail:

Henriquepvhgalvao@hotmail.com

Isabel de Brito Silva, sul mato-grossense de nascimento, portovelhense de coração. Formada em Letras/Português pela Universidade Federal de Rondônia, pós-graduada em revisão de texto pela Faculdade Grande Fortaleza e mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia. Como simples mortal já rabisquei alguns textos, como crônicas, memórias e poesias. Deus é o maior e minha família o complemento desse amor. Sonho até acordada, por isso ousei a publicação da minha primeira escrita. E-mail: izabepoesia@hotmail.com





Ítalo Moura é Historiador, mestrando em Estudos Literários, natural de Porto Velho-RO, tem 27 anos, é poeta e contista, já publicou o poema “A força que nunca seca” e “Sem tempo” em antologias, está participando do livro: O amor está nas nuvens com o conto: Com amor, cupido!``.

João Pedro Antelo, Formado em Letras e suas respectivas Literaturas, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia. Atualmente curso o Mestrado Acadêmico em Estudos Literários, pela mesma Fundação.



João Uilson Vieira Filho nasceu em Barbalha – CE. Graduado em filosofia, Pós-Graduado em PROEJA e Mestrando em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI. Atualmente é professor no IFSULDEMINAS, *Campus* Avançado Carmo de Minas. É o autor dos Livros *Desencontro* e *Filosofia e Vida: Diálogos entre amigos*, esse último em parceria com Ronilson Lopes.

joao.uilson.vieira@gmail.com

Chamo-me **Joelson de Jesus Araújo**. Nasci no final da década de 70, em Guarapuava no Paraná. Vivi no campo com meus pais até os 18 anos, após entrei para o seminário dos jesuítas. Com eles estudei filosofia, trabalhei como administrador de uma casa de retiro e fiz intercâmbios internacionais. Passando 7 anos, iluminado em um retiro. Decidi sair da Companhia de Jesus (Jesuítas) e mais tarde casei com Aline. Hoje sou pai de Nicolas Nelson, trabalho como professor de Filosofia na rede pública de ensino em Rondônia, mestrando em estudos literários pela UNIR.



Joely C. Santiago. Mulher Preta. Remanescente da Comunidade Quilombola de Pedras Negras, no Vale do Guaporé (RO). Pesquisadora nas comunidades ribeirinhas do Vale do Guaporé, fronteira Brasil/Bolívia.

E-mail: joelicoelhosantiago@live.com

Maycon Douglas Pereira de Moura é acadêmico de Mestrado em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia, graduado em Letras - Língua Portuguesa (2019), linha de pesquisa voltada para poesia visual. Integrante do Grupo de Teatro Wankabuki de Vilhena – RO e do Grupo de Teatro Ruante em Porto Velho – RO. Faz trabalhos de designer gráfico e edições de vídeo, aprendeu técnicas de teatro de rua e palhaçadas com o Grupo



de Teatro Ruante, participou de várias oficinas desde 2013. Ajudou na produção das edições do Festival Amazônico de Monólogos e Breves Cenas.



Meu nome é **Oziel da Rocha**, nasci em 11/06/1985 Na cidade de Porecatu-PR. Com 02 anos de idade minha família migrou para região de Patrocínio – MG. Sou graduado em Filosofia, teologia e sociologia, mestrando em Filosofia pelo PPGFIL-UFU-MG. Professor e vice-diretor no Ensino Médio Estadual em Patos de Minas – MG, onde resido com minha família.

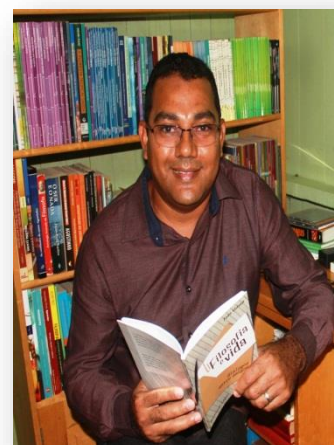
Raylan Felipe Macedo Setúbalé escritor e professor. Natural de Guajará-Mirim – RO, é graduado em História pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGMEL). Escreve sobre o contexto social amazônico, voltado a relatos e histórias populares.





Ricardo Dantas é biólogo e morou três anos em uma aldeia indígena de Roraima, entre os povos Macuxi, Wapichana e Taurepang. Também viveu com seringueiros no Acre. Em 2016 e 2017, seu romance *Meia Pata*, lançado em 2013, foi referência no vestibular da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Atualmente a obra faz parte da ementa do Mestrado Acadêmico de Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia (Unir).

Maranhense de Carolina. Tocantinense de coração e de vivências. **Ronilson de Sousa Lopes** é escritor, poeta, contista e professor de Filosofia do Instituto Federal do Amazonas. Membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências 'A palavra do século 21' – ALPAS 21. Atualmente cursa Mestrado em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia – UNIR.



Tauã Lima VerdianRanguel é Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFF. Autor dos livros: “Fome: Segurança Alimentar & Nutricional em pauta”. (2018) (acadêmico); “Segurança Alimentar & Nutricional na região sudeste”(2019) (acadêmico); “Versos, Invernos & Outros Escritos” (2019) (poemas); “Indrisos em Versos” (2019) (poemas); “Efemeridade em Versos” (2019) (poemas) “Aldravias e Versos” (2020) (aldravias); “Decanatos em Versos” (2020). Tem muitos projetos em andamento com editoras diversas.

Tiago Malheiros é maranhense da cidade de Primeira Cruz, mas hoje vive em Porto Velho, Rondônia. É mestrando em Literatura pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR – e integrante do Grupo de Estudo sobre a aquisição da Linguagem - GEAL e do Grupo de Pesquisa em Poéticas Moderna e Contemporânea, ambos da UNIR. É amante dos versos e quase meio-todo poeta.



www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

ANTOLOGIA
OLHARES
AMAZÔNICOS

ORGANIZADORES

DANIELE FIRMINO
FRANCISCA LUSIA
JOÃO UILSON
RONILSON LOPES

Participação especial de
RICARDO DANTAS
o autor de
MEIA PATA



2020

www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

ANTOLOGIA
OLHARES
AMAZÔNICOS

ORGANIZADORES

DANIELE FIRMINO
FRANCISCA LUSIA
JOÃO UILSON
RONILSON LOPES

Participação especial de
RICARDO DANTAS
o autor de
MEIA PATA



2020